

revista

# Grapiúna

ano I - nº 05 -  
08 de dezembro de 2012



**Jorge Amado e Luiz Gonzaga,  
centenário do menino grapiúna  
e do rei do baião.**



ÁGUEDA FERREIRA  
NATAL, RN  
07.2.2007

# Editorial

A revista Barbante nesta sua última edição do ano de 2012, agradece a todos os seus conselheiros e colaboradores que ao decorrer desse ano lutaram para que a revista continuasse sempre com o seu padrão de qualidade tanto nas ilustrações quanto nos seus textos.

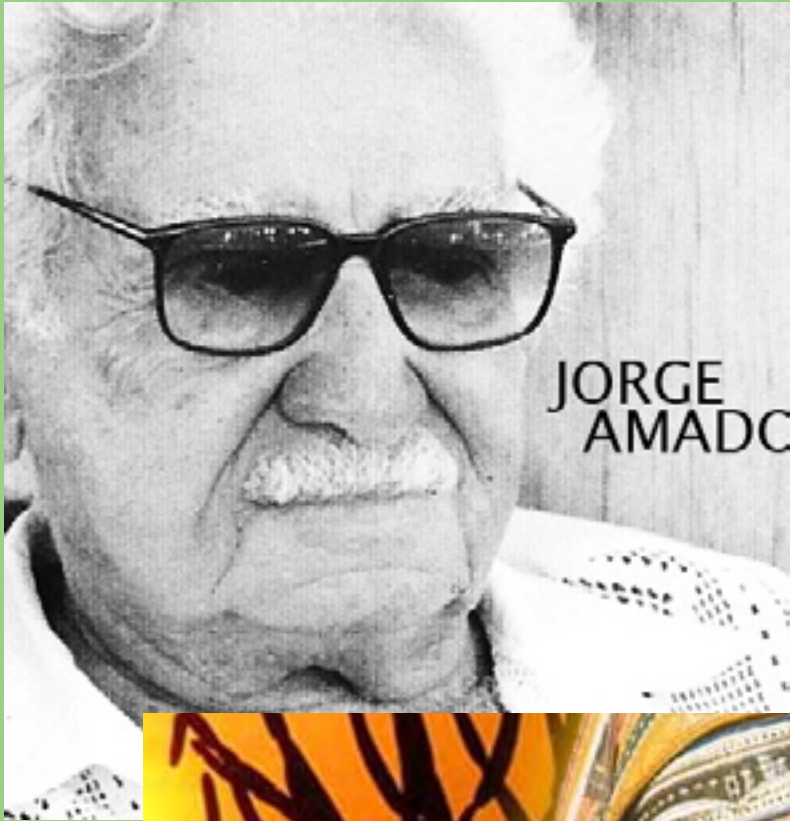
Nesta edição, a escritora e poetisa Christina Ramalho fala do teatro grego e a construção do feminino, Márcio de Lima Dantas fala da intransferível solidão, Rosa Régis homenageia o nosso amado Luiz Gonzaga para lembrar do seu centenário. Também não podíamos esquecer do centenário do nosso ilustre Jorge Amado, fizemos uma homenagem ao longo da revista para ele.

Os nossos sempre poetas com as suas contribuições que preenchem os vasos condutores da revista Barbante e a nossa psicóloga Mirtes Veiga que fala da Síndrome de Burnout causadora de um dos maiores problemas vividos pelos professores.

Em meu nome, um feliz Natal e grande Ano Novo para todo mundo!

*Rosângela Trajano*

Editora



JORGE  
AMADO



Homenagem da revista  
Barbante ao centenário de  
Jorge Amado e  
Luiz Gonzaga. Um que  
contou e o outro que cantou  
o Nordeste do nosso Brasil.  
O criador de Tieta do  
Agreste e o rei do baião,  
respectivamente.



**Jorge Amado**  
**1912 -2001**

# Capitães da areia

Uma história de Jorge Amado

Resenha de Rosângela Trajano

Ler Jorge Amado é fazer uma viagem pelo que é necessário ao ser humano ontem, hoje e sempre. A história “Capitães da areia” me fez chorar pensando nas milhares de crianças que vivem abandonadas pelas grandes avenidas das nossas cidades. Pedro Bala, João Grande, Gato, Volta-Seca, Sem-Pernas, Pirulito, Professor e todos os outros mostram como é difícil viver sem o amor dos pais, abandonados ao léu, entregues muitas vezes aos cuidados de instituições que deveriam educar e não castigar. O medo que tenta a toda hora roubar desses meninos a alegria de viver. Os sonhos que não são desfeitos apesar da indiferença do mundo diante desses meninos que muitas vezes fazem do roubo uma espécie de revolta aos males que lhes são causados. Mas chega o carrossel e os meninos que parecem uns brutos, malvistas pela sociedade, tornam-se meninos como quaisquer outros e vão brincar naquela máquina de fazer alegrias. O padre José Pedro, defensor desses meninos que roubam por necessidade e não por maldade, representante do bem, personagem que se compara àquelas que acreditam na salvação dos meninos de rua, dos meninos que logo cedo aprendem a correr riscos e dormir no chão. A polícia que precisa prender os menores delinquentes, infratores da lei e da ordem. A mãe de santo Don’Aninha que vai até o trapiche, moradia dos meninos na beira da praia, na tentativa de curar Dora. Don’Aninha representada aqui como a crença do povo brasileiro, dos meninos que precisam crê em alguma coisa, a fé que ainda lhes resta no sobrenatural. A história “Capitães da areia” se passa em uma praia e conta também do amor entre o menino Pedro Bala e Dora, que depois de morta, se torna uma estrela para seu amante, como tornam-se todas as pessoas que amamos. Professor que torna-se um artista plástico famoso apesar da pobreza, apesar do sofrimento, mostrando que o ser humano tudo pode conquistar assim tenha força de vontade para vencer. Volta-Seca que torna-se cangaceiro realizando seu sonho.

Gato que se dá bem na vida e Pirulito que se torna frade. Infelizmente Sem-Pernas prefere a morte do que ser pego pela polícia, é sua escolha. Uma história em que sonhos são possíveis apesar da dor do abandono da família e da sociedade. Pedro Bala, o chefe do bando, toma o destino do seu pai e torna-se um militante em prol dos direitos humanos, assim como idealizam todos os jovens, salvar a humanidade. O livro “Capitães da areia” nos chama atenção para a problemática das questões sociais, especialmente dos meninos de rua. Uma história que nos leva a reflexão de que um mundo melhor é possível quando se tem sonhos no coração.





# A BOLA É O GOLEIRO



DESENHOS DE  
KIKO FARKAS



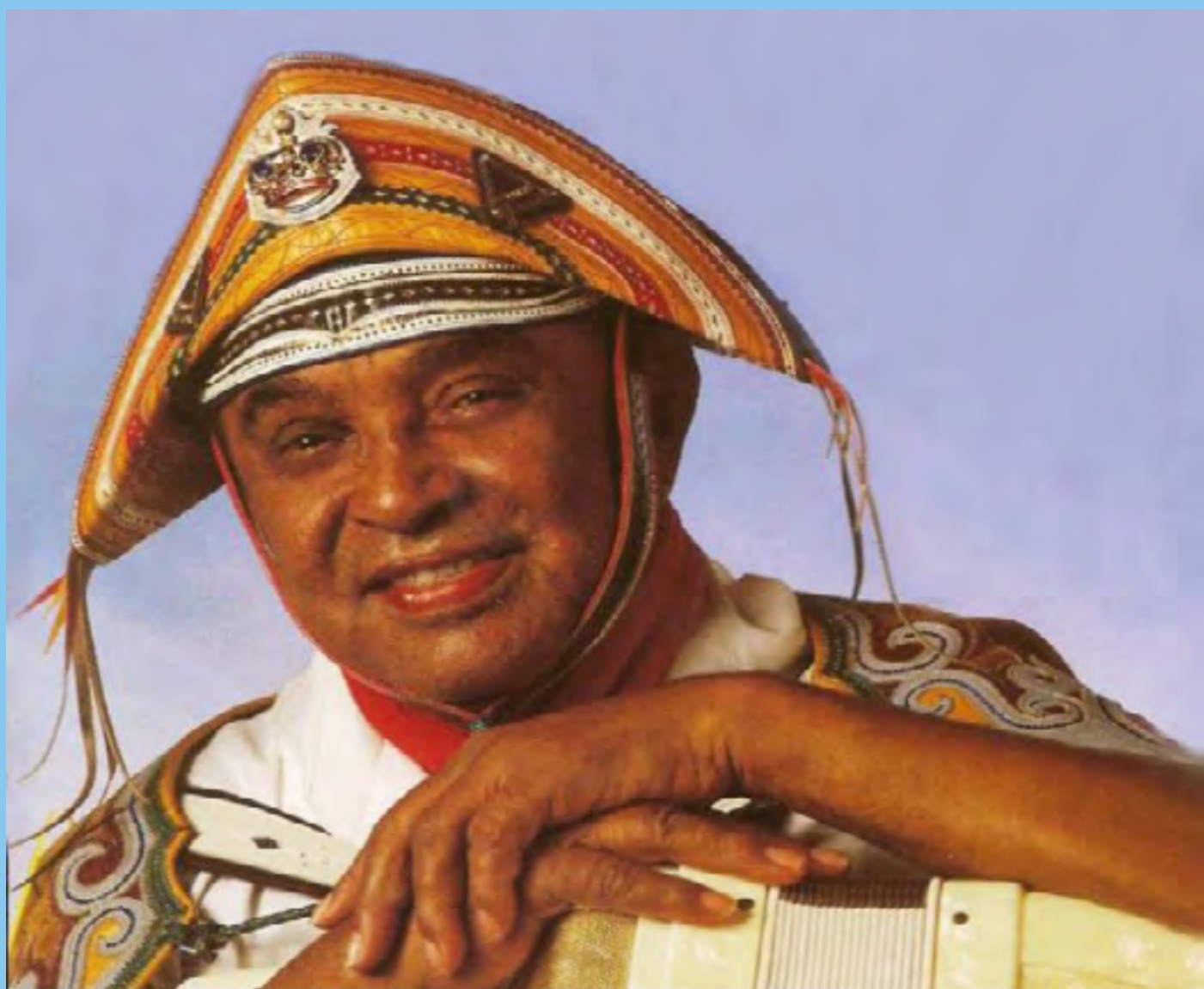
## JORGE AMADO

# A bola e o goleiro

Uma história de Jorge Amado

Resenha de Rosângela Trajano

A bola e o goleiro é uma história infantojuvenil diferente das demais que já li em toda a minha vida. A primeira vista pode parecer uma história como outra qualquer com esse título tão comum num país como o nosso que por onde andamos vemos bolas e goleiros em todos os cantos. Mas quando comecei a ler a história percebi que se trata de algo não tão comum, ou seja, conta como é possível o vitorioso amar o perdedor. O que é melhor: quando o vitorioso faz do perdedor um vitorioso, também. Dessas histórias que nos ensinam que na vida o amor não escolhe quem vai amar, simplesmente se ama. A história da bola Fura-Redes que enchia os placares de gols e do seu goleiro Bilô-Bilô que não consegue pegar uma bola sequer. De repente, os dois se encontram e se apaixonam. Pela primeira vez Bilô-Bilô, que também era chamado de Cerca-Frango, aprende a abraçar uma bola e pela primeira vez Fura-Redes se deixa ser pega. As brilhantes e mirabolantes defesas de Bilô-Bilô impressionam locutores e amantes do futebol. Mesmo em um dia de clássico em que o rei do futebol vai fazer o seu milésimo gol e Bilô-Bilô deixa o gol e vai embora, sendo chutada pelo rei Fura-Redes corre atrás do seu amor evitando assim o milésimo gol, mostrando ao mundo que o importante, o que vale de verdade, é o amor e não a glória. Jorge Amado me fez lembrar nesta história dos tantos casais que não têm nada a ver um com o outro e vivem juntos por longos anos. A gente aprende com essas histórias que na vida não há diferenças para o amor: branco ou preto, pobre ou rico, pequeno ou grande, gordo ou magro, todos podem se apaixonar. A bola e o goleiro é uma bela história que deve ser contada para crianças e jovens de todas as idades e discutida sua importância numa época em que a falta de amor tem tomado conta da nossa sociedade destruindo lares e alargando a distância entre os amantes através de pré-conceitos embutidos numa sociedade que deseja amar e ser amada conforme seus atributos.



**Luiz Gonzaga**  
**1912 - 1989**

GONZAGÃO, O VELHO LULA,  
MAJESTADE DO BAIÃO

Rosa Regis

Mil Novecentos e Doze,  
13 de dezembro, o dia,  
O sol brilhou mais que nunca  
Pois neste dia nascia  
Alguém que veio marcar  
Nossa música popular  
Com saber e maestria.

Na zona rural de Exu,  
Na fazenda Caiçara  
Na Serra do Araripe  
Alguém de sabença rara  
Nasceu para nos trazer  
Bons momentos de lazer  
Que nunca alguém nos doara.

Seu nome Luiz Gonzaga  
Do Nascimento. E herdou  
Do seu pai a atração  
Pela música, que o levou  
A buscar sempre fazer  
O que lhe dava prazer,  
A música. A quem se doou.

Desde pequeno Luiz  
De uma sanfona gostava,  
E no fole de 8 baixos  
Do seu pai, sempre tocava.  
Nas festas, feiras, forrós...  
Do pai, andava nos cós,  
Prazer por música mostrava.

Também tocava zabumba  
Acompanhando as festanças  
Tocadas por Januário  
Sem participar das danças  
Pois sua satisfação  
Era ver o pó do chão  
Sujar, das moças, as tranças.

Luiz gostava do palco  
Disto nunca fez segredo,  
Demonstrando seu desejo  
Desde ainda muito cedo.  
E aos dezoito de idade,  
No Exército, na verdade,  
Demonstrou isso sem medo.

Aos oito anos de idade  
Luiz Gonzaga tocou  
No lugar de um sanfoneiro  
Numa festa. E aí ganhou  
Seu primeiro pagamento  
Como artista. E o momento  
Em sua mente ficou.

Antes dos dezoito anos  
O seu jovem coração  
Enamorou-se e, por isso,  
Sofreu uma punição:  
Seus pais deram-lhe uma surra.  
E aí, Luiz, de turra,  
Foi embora do Sertão.

Seu pai: Senhor Januário  
Ao saber da fuga, diz:  
- Vai meu filho! Só desejo  
Que tu sejas bem feliz.  
Sua mãe, Ana Batista,  
Com o pranto embaçando a vista,  
O mesmo também lhe diz.

Serviu como voluntário  
Ao Exército Brasileiro,  
Viajou pelo Brasil  
Todo, como corneteiro  
E mostrando o que sabia  
Fazer com muita alegria,  
Mesmo, como sanfoneiro.

Foi aí que começou  
A mostrar sua cultura  
Tendo acesso às várias outras  
Que no país se afigura.  
E aproveitou o momento  
Para mostrar seu talento,  
Sua música sem mistura.

No ano de 39  
Vai pro Rio de Janeiro,  
Agora já conhecido  
Como sendo um sanfoneiro,  
Com sua sanfona nova  
Nosso Gonzaga dá prova  
De ser ótimo forrozeiro.

Se apresentava na Lapa  
Ou nas ruas da Cidade  
Onde passava o chapéu  
Sem se acanhar. Na verdade,

Começou sua carreira  
Nas praças, ruas e feira,  
Pois tinha necessidade.

De início era um estranho.  
Mas, logo, com o seu talento,  
Viu-se sendo convidado  
Para um ou outro evento,  
Chegando, um dia, afinal,  
À Rádio Nacional,  
Pra ele um grande momento.

Num programa de calouros  
Que Ary Barroso criou  
Na Rádio Nacional,  
Gonzaga se apresentou.  
E o primeiro lugar  
Ninguém lhe pode tirar,  
Com Vira e Mexe ganhou.

Já nesse tempo Gonzaga  
Despertava a atenção  
Do público com sua música  
E com o seu vozeirão  
Inconfundível, que dava  
Vida a tudo que cantava.  
E o fazia com emoção.

Ao ouvir sua sanfona  
Ninguém ficava parado,  
O forró de “Pé-de-serra”  
E o baião ritmado  
Que falava do Nordeste,  
Terra de “Cabra de peste”,  
Da vaqueirama e do gado!

Sua música Vira e Mexe  
Virou Chamego e bombou  
Logo que, com Miguel Lima  
Parceria ele firmou.  
Foi quando Paulo Gracindo  
Deu-lhe um apelido lindo:  
“Lua”, que logo pegou.

E Luiz Lua Gonzaga  
Passou, pois, a se chamar.  
E agora, com brilhantismo,  
Passava a se apresentar.  
Ele era compositor  
Além de ótimo cantor.  
Nascera para brilhar.

Um ótimo instrumentalista

Cujo som, bem ritmado,  
Não invejava ninguém.  
Mesmo não tendo inventado  
O Baião tornou-se “rei...”  
Do mesmo. E como “lei”  
Isso ficou afirmado.

Junto com Humberto Teixeira  
Ele popularizou  
Nosso ritmo nordestino,  
E o sistematizou  
Como ritmo de raiz  
Do nordestino infeliz  
Que a sua terra deixou.

No ano Quarenta e Três  
Na Rádio Nacional,  
Já trajado de vaqueiro,  
Representava, afinal,  
Muito bem o nordestino  
De cuja sorte ou destino  
Conhecia o cabedal.

Gravou seu primeiro disco,  
Com a Dança Mariquinha,  
No ano Quarenta e Cinco .  
E nesse tempo já tinha  
Uma música no jibão,  
Denominada Baião,  
Que sucesso em si continha.

Em Quarenta e Seis , voltou  
À sua terra natal,  
Depois de dezesseis anos,  
O que rendeu-lhe, afinal,  
A Respeita Januário,  
Que pede, de modo hilário,  
O perdão por qualquer mal.

Casou-se em Quarenta e Oito  
Com Helena, a primeira esposa.  
Em Cinquenta e Um , já “Rei  
Do Baião”, um jornal ousa  
Considerá-lo “acabado”,  
Cantor velho e superado.  
Mas ele no “reino” pausa.

O ano Cinquenta e Dois  
Trouxe-lhe muita alegria.  
Com o Hervê Cordovil  
Fez ele uma parceria,  
E com Helena, adotou  
Alguém que o Céu lhe mandou,

A filha, Rosa Maria.

No ano Cinquenta e Cinco  
Há uma revolução :  
Compactos 45  
RPM. E, então,  
O seu primeiro LP  
De 10 polegadas, que  
Foi uma compilação.

E nos anos que se seguem  
Teve tristeza, alegria...  
Perdeu sua mãe, Santana ;  
Entrou pra Maçonaria ;  
Teve a sanfona roubada ;  
Teve Asa Branca gravada...  
Mais e mais aparecia.

Vira livro em Meia-meia  
E, já no final da vida,  
Reencontrou alguém que  
Seria alento e guarida  
Numa fase necessária  
Onde a saúde precária,  
Um grande amor, sem medida.

Recebe menção honrosa,  
Especial, de valor!  
Canta para o papa e ganha  
- Obrigado cantador!  
E ao completar Quarenta  
De carreira, lhe alimenta  
Mais homenagens, Doutor!

Vai a Paris a convite  
Lança disco em Oitenta e Três .  
E o primeiro de Ouro  
Com o LP, digo a vocês,  
Foi o Danado de Bom,  
Que ele, sem mudar o tom,  
Cantou em “bom Português”.

Recebe o Nipper de Ouro  
E o disco de Platina,  
Com o Forró de Cabo a Rabo  
E, pra completar a sina:  
50 Anos de Chão ,  
Contrato e separação ;  
Gravação e despedida  
Do nosso REI DO BAIÃO.



Sua mãe era conhecida por Santana

1939 – Luiz Gonzaga dá baixa das Forças Armadas e passa a morar no Rio de Janeiro.

Vira e mexe – primeira música que Luiz Gonzaga Gravou em disco.

1945 - Grava seu primeiro disco tocando e cantando, a mazurca Dança Mariquinha, parceria com Miguel Lima. Nesse mesmo ano, e ainda em parceria com Lima grava outros dois discos interpretando Penerô Xerém e Cortando Pano.

1946 – Luiz Gonzaga volta, pela primeira vez, a Exu Queimado

Em 1948, casou-se com sua noiva, a pernambucana Helena Cavalcanti, professora que tinha se tornado sua secretária particular, por quem Luiz se apaixonou.

1951 – Gonzaga é convidado permanente da série No Mundo do Baião, produzido por Zé Dantas, onde coroou com chapéu de couro, Carmélia Alves como rainha do Baião.

1952 – data do 71º disco da carreira de Gonzaga, o último 78 rpm com Humberto Teixeira, músicas já lançadas em anos anteriores.

1955 – Luiz Gonzaga grava seus primeiros discos compactos de 45 rpm e o seu primeiro LP de 10 polegadas, 33 rpm pela RCA Vistor. Uma compilação dos discos de 78rpm.

1960 – 11 de junho, morreu Santana (como era conhecida) sua mãe, de doença de Chagas, no Rio de Janeiro.

1961 – Entra pra Maçonaria, a quem, depois, homenageia com Sua música ACÁCIA AMARELA.

1963 – Teve sua sanfona preta Universal roubada.

1965 – Asa Branca foi gravada por Geraldo Vandré, em seu LP “Hora de Luta”.

- 1966 – O Sanfoneiro do Riacho da Brigada – Vida e Andanças de Luís Gonzaga – O Rei do Baião.

- O sanfoneiro é impedido de cantar no festival FIC 66, a música São os do Norte que Vêm, de Capiba e Ariano Suassuna.

1975 – Luiz Gonzaga reencontra Edelzuíta, o grande amor da fase final de sua vida.

1978 - É lançado no mercado um disco como forma de menção

especial a Luiz Gonzaga, - a Grande Música do Brasil, a Grande Música de Luiz Gonzaga, pela Copacabana, produzido por Marcus Pereira com arranjos e direção de orquestra a cargo do maestro Guerra Peixe. É uma versão sinfônica de clássicos da obra de Luiz Gonzaga.

1980 - Luiz Gonzaga canta para o Papa João Paulo II. Recebe do sumo pontífice a expressão - Obrigado Cantador!

1981 - A RCA Victor presta-lhe significativa homenagem pelo marco de seus 40 anos de carreira, com o lançamento do disco A Festa.

1982 - Atendendo convite da cantora Nazaré Pereira, viaja para a França apresentando-se em Paris no teatro Bobinot.

1983 - Lança o disco 70 anos de sanfona e simpatia.

1985 - É agraciado com o troféu Nipper de Ouro. Além dele, somente o cantor Nelson Gonçalves recebe tal troféu.

1986 - O LP Forró de Cabo a Rabo, deu a Luiz Gonzaga dois discos de ouro e o primeiro de platina.

1988 - A RCA Victor lança uma caixa luxuosa com cinco LPs, batizada de 50 Anos de Chão, produzida por José Miltom, cobrindo a carreira de Gonzaga desde as primeiras gravações instrumentais. Fagner produz o segundo LP de encontro com o Rei.

- . Luiz Gonzaga assina contrato com a gravadora
- . Copacabana, que lançaria os últimos quatro LPs de sua carreira.
- . Em junho pede o desquite, separa-se de Helena, e assume o relacionamento com Edelzuíta Rabelo

1989 - Grava seu primeiro LP pela Copacabana, seguidos de mais três LPs, que seriam os últimos de sua carreira. No dia 06 de Junho, Luiz Gonzaga sobe pela última vez num palco, com o auxílio de uma cadeira de rodas.

.  
Luiz Gonzaga morreu no dia 02 de Agosto de 1989, às 05.15hs, no Hospital Santa Joana, no Recife.



# Artigos

## MACABÉA: UMA ESTRELA CÔMICA

Éverton de Jesus Santos (Graduando/Letras/UFS)

### Um cômico de tipo existencial

A “esfinge do Rio de Janeiro” (MOSEK, 2009), instigante escritora intimista, construiu, em seu último romance, uma protagonista-enigma em quem a teoria do risível encontra terreno fértil apesar da tragicidade que também a cerca. Assim, a “bruxa” Clarice Lispector mistura, num só caldeirão chamado *A hora da estrela*, a tragédia e a comédia tal qual Cervantes em seu *Dom Quixote*. Nasce, então, uma personagem antológica, cujos retratos são tirados e mostrados crua e realisticamente, de forma que surge uma Macabéa que, ultrapassado o nível da narrativa, passa a representar o grito de libertação do ser humano.

Contudo, a heroína cômica que começaremos a vislumbrar tem a sua vida narrada ao mesmo tempo em que o nível metalinguístico do romance - no que concerne ao ofício e ao papel do escritor - é desenvolvido. Afora isso, as temáticas do amor irrealizado, da morte, da linguagem ou da incomunicabilidade, do estar no mundo, da existência humana e de Deus, além da questão social, tudo isso pode ser apreendido do “livro mais surpreendente que [Clarice Lispector] escreveu”, como salienta José Castello em comentário à edição do romance utilizado no nosso trabalho.

Em relação à Clarice, sabe-se que começou a produzir suas obras a partir da década de 40 e, desde então, decide dar livre curso às suas veleidades literárias e transfigura o romance nacional ao trazer personagens femininas inquietas, com densidade psicológica e donas de si, que parecem representar o eu irrequieto da própria escritora. Dentre as protagonistas, destacamos Joana de *Perto do coração selvagem*, a qual era “Obscuro desejo e força instintiva represada, sede de liberdade e de expressão” (NUNES, 1989, p. 20), Virgínia de *O lustre*, que “conhece a angústia da liberdade, sente o desejo obscuro de exprimir-se e de realizar-se” (NUNES, 1989, p. 20), ou ainda G. H., que, envolvida em prazer e ódio, sucumbe ao êxtase de entrar em conjunção com a matéria de uma barata. Estes tipos femininos diferem da protagonista de *A hora da estrela*, que parece estar envolvida por um marasmo de morte que a atrai e que acaba por dilacerá-la. Ela, que era um acaso grotesco com sentimento de perdição em seu rosto, serve à Clarice como barro na mão de oleiro: matéria-prima bruta da qual se extrai a inventiva obra de arte.

### Tirando retratos: juntando os fragmentos

NA *hora da estrela*, o narrador, Rodrigo S. M., diz a respeito de si mesmo que “A classe alta me tem como um monstro esquisito, a média com desconfiança de que eu possa desequilibrá-la, a classe baixa nunca vem a mim.” (p. 19). Já no rol dos termos referentes a Olímpico, namorado da protagonista, “galinho de briga que era”, “Besuntava o cabelo preto até encharcá-lo. Não desconfiava que as cariocas tinham nojo daquela meladeira gordurosa” (p. 57). E não esqueçamos Glória, que “Tinha um cheiro esquisito. Porque não se lavava muito, com certeza. Oxigenava os cabelos das pernas cabeludas e das axilas que ela não raspava” (p.

63-4); e há também madama Carlota, ex-prostituta que transmite as boas-novas a Macabéa, permitindo a esta uma súbita explosão de entusiasmo e de esperança logo frustrada.

Observando as personagens que cercam Macabéa (com exceção de Rodrigo S. M., pois ele pertence apenas ao plano da narração e não ao plano das personagens “reais”), podem-se perceber características que remetem ao cômico. Mas é a figura de Macabéa que é mais carregada de minúcias risíveis, desde o nome esdrúxulo até os momentos finais da protagonista. A ela são dados epítetos os mais diversos, são feitas comparações e metáforas as mais ridículas, e tudo isso para criar a imagem de um ser em desconcerto com uma cidade - ou, por extensão, com um mundo - “toda feita contra ela” (LISPECTOR, 1998, p. 15).

Ela, que “não pensava em Deus, Deus não pensava nela” (p. 26), e que “até um ano de idade [...] não era chamada porque não tinha nome” (p. 43), serve bem à empreitada da ridicularização, por não haver nela a grandiosidade, a nobreza e o poder de ação dos heróis das tragédias e das epopeias (ARISTÓTELES, 2005). Além disso, para este filósofo, a comicidade seria “um defeito e uma feiúra sem dor nem destruição” (2005, p. 24), o que, em consonância com a representação da protagonista Macabéa, acentua seu caráter cômico, afinal,

Chegamos a rir de outras pessoas, porque elas exibem alguma falta ou marca constrangedora que, enquanto não dolorosa, as torna ridículas. Dessa forma, são essencialmente risíveis os inferiores em algum sentido, sobretudo os moralmente inferiores, embora não os completamente deprimidos (SKINNER, 2002, p. 16-7).

Assim, se rimos de Macabéa e de certos eventos expostos na obra, é porque identificamos neles as faltas que os tornam ridículos e isso nos proporciona a sensação de superioridade em relação ao nosso objeto de derrisão. No caso da protagonista, entretanto, há uma exacerbada miscelânea de características e de comportamentos que sugerem a imagem cômica de Macabéa. Dessa forma, ao passo que visualizamos a personagem, conseguimos rir dela devido ao seu modo desajeitado e imbecil, porém singular, de viver.

Trata-se de uma personagem com nome que parece “doença de pele” (p. 43), moça com “corpo cariado” (p. 35; 61), e um “pouco encardida pois raramente se lavava” (p. 27), com cheiro murrinhento, faminta, de ovários secos e cabeça chata, pobre, que parece um “café frio” (p. 27) ou um “cabelo na sopa” (p. 60), e cuja “tia lhe ensinara que comer ovo fazia mal para o fígado. Sendo assim, obediamente adoecia, sentindo dores do lado oposto ao fígado” (p. 34). Então, quem é Macabéa? Um conjunto de referentes negativos e que ressaltam a mediocridade de uma existência esvaziada de sentido e entregue à própria sorte?

Essa “cadela vadia” (p. 18) que “não sabia qual era o botão de acender [a vida]” (p. 29), que tinha medo de soldados, pois achava que iam matá-la, que tem vontade de ter um poço, que gastava pouco de sua vida para esta não acabar e que sentirá falta de si quando morrer, que ouvia a Rádio Relógio e colecionava anúncios de jornal, que constatava que todos os dias à mesma hora fazia exatamente a mesma hora... Macabéa é uma figura emblemática, exaltação máxima na obra clariciana, que mobiliza discussões que versam acerca da representação dos nordestinos marginalizados, do grito pela liberdade e pelo reconhecimento, bem como representa a luta pela vida e o direito ao sonho e ao futuro.

Macabéa é a protagonista que tinha “rosto que pedia tapa” (p. 24), que não aprovava “na linguagem duas consoantes juntas e copiava a letra linda e redonda do amado chefe a palavra ‘designar’ de modo como em língua falada diria: ‘desiguinar’” (p. 15), que, se tivesse dinheiro, compraria determinado creme de pele para comê-lo, pois “Que pele, que nada, ela o comeria, isso sim, às colheradas no pote mesmo” (p. 38), que achava a palavra “deputada” um palavrão, e que “nunca tinha tido coragem de ter esperança” (p. 76). Esses são alguns retratos tirados de Macabéa por Rodrigo S. M. Retratos estes que nos mostram que a nordestina

consegue despertar no leitor a compaixão e o riso, simultaneamente, assim como trazem tanto a seriedade da falta de perspectiva e o risível ingênuo e o derrisório/humilhante.

Essa moça, para quem era “sorte demais pegar homem de olhos azuis ou verdes ou castanhos ou pretos, não havia como errar era vasto o campo das possibilidades” (p. 78) e que, por fim, “Ficou inerte no canto da rua, talvez descansando das emoções, e viu entre as pedras do esgoto o ralo capim de um verde da mais tenra esperança humana. Hoje, pensou ela, hoje é o primeiro dia de minha vida: nasci” (p. 80). Por ela nos apaixonamos, simpatizamos e torcemos; com ela sofremos, dissimulamos, sentimos o vazio de existir e a sensação de ser uma peça desencaixada na engrenagem do mundo. Mas é dela que rimos ao desatarmos um riso trágico, que ultrapassa as barreiras impostas pela iminência da morte ou da compaixão pela pobreza de ânimo da personagem central da narrativa.

É a partir desse riso que nos libertamos da obrigatoriedade de nos fixar no âmbito da seriedade a todo o momento, pois como pensa Nietzsche, “o riso seria uma experiência necessária, imperativa, que constitui a salvação para o pensamento aprisionado dentro dos limites do sério” (*apud* ALBERTI, 1999, p. 16). E Macabéa, através do seu viver tão parco, consegue mobilizar a alma humana ao ponto de fazer ressoar a questão: “quem sou eu, afinal?”, como é típico de Clarice Lispector, sua criadora.

E é com a morte que o destino de Macabéa é selado, “Pois na hora da morte a pessoa se torna brilhante estrela de cinema, é o instante de glória de cada um e é quando como no canto coral se ouvem agudos sibilantes.” (p. 29). A partir dessa ironia, pode-se dizer que a redenção da protagonista se dá com a sua morte, pois, após passar toda a vida tentando sobreviver e ser notada, seu nascimento, seu *gran finale*, só se dá na sua partida, e apenas no momento em que um fio de esperança começa a ser delineado para a personagem.

### **Por fim, fecham-se as cortinas**

Assim, observando a construção da personagem Macabéa, é possível ressaltar o caráter de alívio e de libertação percebido ao deslocarmos a emoção e a sensibilidade e rirmos tímida ou desbragadamente com a tragédia cômica da protagonista. Freud (1977) diz que o riso é o melhor remédio para evitarmos as neuroses causadas pela repressão social - neurose esta que Macabéa não consegue reprimir, afinal, “Claro que era neurótica, não há sequer necessidade de dizer” (p. 34). Sem exageros, poderíamos dizer até que, sem o cômico, sem o riso causado pela obra, esta seria, quem sabe, intragável e indigesta, devido à complexidade da carga trágica e devido também à seriedade das temáticas que a comicidade tanto ajuda a revelar quanto contribui para construir.

Corroborando também o que diz Rouanet (2007), para quem rir é uma forma de combater a melancolia, o riso provocado por Macabéa age contra o desespero, como é perceptível naquele riso que a própria personagem desata quando seu namorado termina o namoro com ela: simplesmente ri sem saber por quê, como uma espécie de liberdade nervosa que impulsionará a busca à cartomante escrevedora do majestoso *gran finale* da estrela.

Em contrapartida, Bergson (2007) diz que o riso tem caráter humilhante e corretivo para quem é vitimado por ele. Quando rimos das variadas peripécias de Macabéa, do seu desajeitamento e ingenuidade, principalmente quando em contato com Olímpico, mas também no trabalho e na sua vida em geral, é como se disséssemos à datilógrafa alagoana: Macabéa, “Vê se te manca!” (p. 64). Além disso, segundo o mesmo teórico o riso também possui o caráter coercitivo e de coesão grupal, pois nos unimos para rir daquilo que queremos reprimir e rebaixar, no nosso caso, o objeto em questão é a protagonista.

Dessa forma, percebemos como o riso está relacionado, em grande parte, à Macabéa, no romance *A hora da estrela*. Reunimos os principais referentes textuais que traduzem a especificidade da aparência da protagonista, assim como do modo como ela se relaciona com o mundo. Partimos, assim, em busca de um retrato panorâmico e completo - como uma pintura cubista - daquela que é a estrela cômica da nossa literatura. Por fim, deixemos agora que ela descanse de nós, afinal, com a morte da personagem e com a finalização deste estudo, “Ela estava enfim livre de si e de nós” (LISPECTOR, 1998, p. 86).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. O riso e o risível: na história do pensamento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed./ FGV, 1999.
- ARISTÓTELES. Poética In: ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. A Poética Clássica. São Paulo: Cultrix: 2005, p. 17-52.
- BERGSON, Henri. O Riso: ensaio sobre a significação da comicidade. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007; Coleção Trópicos.
- FREUD, Sigmund. Os Chistes e Sua Relação com o Inconsciente. Rio de Janeiro: Imago editora LTDA, 1977, volume VIII.
- LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MOSER, Benjamin. Clarice, uma biografia. Tradução: José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- NUNES, Benedito. O drama da linguagem: Uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- ROUANET, Sérgio Paulo. Riso e melancolia. In Riso e melancolia: a forma shandiana em Sterne, Diderot, Xavier de Maistre, Almeida Garret e Machado de Assis. P. 202-23. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SANTOS, Éverton de Jesus. Macabéa, ser cômica dói?. In Anais do IV Seminário Nacional Literatura e Cultura. Vol. 4, São Cristóvão: GELIC, 2012. ISSN: 2175-4128.
- SKINNER, Quentin. Hobbes e a teoria clássica do riso. Rio Grande do Sul: Editora Unisinos, 2002.

# FORMAÇÃO DO LEITOR CULTURAL E AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS

Jeferson Rodrigues dos Santos (UFS/ITA)<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho procura apontar reflexões referentes à formação do leitor a partir dos estudos étnico-raciais. Para configurar esta ideia, usamos como recorte as representações raciais no romance *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo. Tem-se o objetivo de analisar a representatividade dos preconceitos vividos pela protagonista dessa obra. Metodologicamente, exploramos conceitos de “literatura negra”, de Zilá Bernd, e de “literatura afro-brasileira”, de Eduardo Duarte. Com isso, ressaltamos a importância da formação do leitor cultural, capaz de identificar as questões ideológicas que perpassam o texto quanto ao espaço da mulher negra na sociedade brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** formação do leitor cultural; Ponciá Vicêncio; questões étnico-raciais.

O sujeito negro durante a colonização foi apresentado como um ser dependente, submisso ao sistema e estereotipado. Essas marcas foram mantidas depois da Proclamação da República porque o Estado brasileiro não propôs políticas públicas que garantissem a dignidade e a cidadania para seus ex-escravos e descendentes. Não obstante, diversos conflitos étnico-raciais se repetiram durante o Século XX com a luta do afro-brasileiro por um espaço na sociedade brasileira. Para tanto, tal problemática é abordada nos textos literários, como no romance regionalista de 30, preocupado em retratar a riqueza local, não deixando de registrar os maus tratos sofridos pelos negros nos engenhos, mesmo depois da abolição.

Para uma análise que priorize a problemática de como os negros são representados na literatura brasileira, optamos pelo enfoque dado pelos estudos étnico-raciais. No entanto, vale ressaltar que essas pesquisas têm as mais variadas vertentes, compreendendo, sobretudo, a pluralidade dos conceitos e abordagens. Assim, partimos das ideias de Zilá Bernd (1987) e Eduardo Duarte (2005) sobre as diferentes perspectivas de como o negro é representado na literatura brasileira.

Por exemplo, Zilá Bernd conceitua a “literatura negra” como aquela que é constituída a partir do engajamento do autor, preocupado com as peculiaridades do ser negro e os seus questionamentos. Para essa pesquisadora, não importa se o escritor é branco ou negro, pois o mais valioso é seu engajamento com as questões étnico-raciais. Já Eduardo Duarte também vai defender o engajamento do escritor, mas sob outra perspectiva: só há “literatura afro-brasileira” feita por um autor negro engajado com a luta contra o racismo e a discriminação.

Nesse sentido, assinalamos que estes teóricos se aproximam nas questões ideológicas, mas se distanciam quando põe em pauta a questão da cor do autor. É partindo desse ponto que Bernd define a “literatura negra” como aquela que se preocupa com as questões políticas das tensões étnico-raciais, ao passo que Duarte vai valorizar a “literatura afrobrasileira” como a feita por escritores/as negros/as preocupados/as com as questões raciais.

Eduardo Duarte aponta o conceito de “literatura afrobrasileira” em seu trabalho “Literatura e Afrodescendência” (2005). Nele, o autor estabelece alguns pontos a fim de se aproximar desse conceito, a saber: “Afrodescendência, uma questão” e “A constituição da literatura afrobrasileira: historicidade, identidade, gênero”. Para Duarte, essa literatura tem que ter um olhar voltado para os aspectos estéticos, culturais e políticos inerentes às peculiaridades do negro. Com isso, mostra alguns teóricos que evidenciam a existência dessa literatura: Roger Bastide e David Brookshaw. Esses teóricos consideram Luiz Gama e Maria Firmina como precursores da “literatura afro-brasileira”. Dessa forma, entendemos que há “a contribuição de



pesquisadores empenhados no resgate de vozes esquecidas da nossa literatura *que vão*, aos poucos, construindo um instigante suplemento [...] *da história dessa literatura afro-brasileira*” (DUARTE, 2005, p. 131).

Em uma vertente mais tradicional, “Negritude e Literatura na América Latina” (1987), Zilá Bernd aborda o conceito de “literatura negra” de forma mais abrangente. A teórica questiona a noção de que só há literatura a partir da cor da pele do escritor por acreditar que para ela existir o autor “se quer negro [...] e reivindica a sua especificidade negra” (BERND, 1987, p. 16). Assim sendo, Bernd afirma que a “literatura negra” tem ganhado espaço pelo fato de que os pesquisadores têm se preocupado em resgatar a história negra, colocando-a sob outro ponto de vista: agora é o negro agente e reconstrutor da sua história.

Além dessa preocupação, este trabalho caminha para a formação do leitor cultural, tendo este “uma opção política de leitura *que dá visibilidade às questões raciais por meio da recepção atual.*” (GOMES, 2011, p. 1-2). Esse leitor se detém em observar como os preconceitos raciais são construídos nos textos literários. Baseando-se, portanto, nessa problemática, este trabalho é dividido em dois momentos: no primeiro destacaremos a formação do leitor cultural dentro da perspectiva dos estudos étnico-raciais. No segundo analisaremos o “como” o social está sendo representado em *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo; com a intenção de apontar a discriminação dada à mulher negra pela cultura hegemônica na sociedade brasileira.

Conceição Evaristo publica *Ponciá Vicêncio* a fim de fazer referência às questões de gênero e raça a partir do olhar voltado para a escrita de autoria feminina afro-brasileira. Por este caminho, compreendemos que para abordar tais questões é preciso haver um leitor – nesse caso, o leitor cultural - preocupado com elas. Por isso, a nossa ideia parte da formação de um leitor que enxergue o “como” está sendo representado o social no texto literário citado, identificando as questões ideológicas.

Nesse sentido, cabe destacar que os estudos sobre a formação do leitor são variados. Em especial, tomamos como referência o conceito de “leitor cultural”, definido como “aquele que está politicamente voltado para identificar as tensões de classe, de raça ou de gênero” (GOMES, 2011, p. 2). Esse conceito se aproxima do “leitor real”, que é aquele “leitor de literatura que “lê o mundo” (em sua plena manifestação socioeconômico-estético-cibernética) por meio de uma dada obra” (TINOCO, 2010, p. 10). Em outras palavras, o “leitor real” é aquele sujeito que integra o social ao texto, podendo “se reconhecer [...] enquanto indivíduo ético e estético” (TINOCO, 2010, p. 16).

Seguindo esta pedagogia de formação do leitor, lembramos que valorizamos o leitor enquanto agente. Como estamos abordando textos literários, vale a pena destacar que Umberto Eco (2004) define o “leitor-modelo” que vai analisar o estético. Esse leitor precisa de uma “enciclopédia” (ECO, 2004, p. 43) para executar a interpretação/análise do texto. No entanto, para o nosso viés de análise, vale mais a “enciclopédia” cultural do leitor. Com isso, acreditamos na dialética entre autor e leitor, uma vez que o primeiro produz pensando no segundo. Ao leitor, compete observar o “não-dito”, sendo ele o comandante da interpretação. Para tanto, abdicamos do sentido estético do “leitor-modelo” para valorizarmos “leitor-semântico” – abordado por Eco –, pois é aquele que se preocupa em analisar o sentido.

Não obstante, nos interessa o “leitor cultural”, que analisa o “como” o social está sendo representado, por entendermos que o autor aponta determinada temática em sua obra a fim de produzir as devidas significações. Assim, cabe a esse leitor dar significado àquilo que o texto lhe ofereceu, pois através da sua leitura é possível se “*projetar* fora do espaço tradicional e *apontar* a subjetividade da arte como um espaço de questionamento” (GOMES, 2010, p. 6).

O leitor cultural entra no espaço de questionamento dado pelo texto literário, evidenciando a noção de o “como” o cultural é representado. Desse modo, defendemos a formação de um leitor que tenha seu olhar voltado para a crítica, isso porque a leitura cultural permite ao sujeito, enquanto leitor-agente, observar as problemáticas referentes ao passado colonial atreladas à recepção atual.

Além disso, a leitura cultural propõe a ideia de que o leitor, como questionador e crítico, analise a colocação das minorias sociais no texto literário pelo fato de que elas são fruto do exagero implantado pela cultura hegemônica. Esses grupos excluídos da sociedade vão desde os negros até os homossexuais. Por isso, expomos o debate que há nos estudos étnico-raciais, pois Zilá Bernd advoga que a “literatura negra” nasce a partir da representação dada na construção da identidade negra (BERND, 1987, p. 24). Já Eduardo Duarte segue o mesmo caminho, mas acreditando na “literatura afro-brasileira” como aquela que valoriza a representação e as peculiaridades das lutas sociais do autor afro-brasileiro.

Sendo assim, através dos estudos étnico-raciais, propomos a formação do leitor cultural a fim de que possa observar as questões envolvidas no campo dessas abordagens. Para todo caso, Zilá Bernd considera importante o fato de o texto literário abordar o tema racial a partir de “um certo modo negro de ver o mundo, ou melhor, nos quais os escritores, partilhando de uma determinada situação histórica, situação de ex-escravos, *dele tomarem consciência*” (BERND, 1987, p. 16).

Para melhor explicitar essa leitura cultural das questões étnico-raciais, passaremos a explorar o romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo. Essa obra narra a trajetória de vida da personagem-título desde a infância até a idade adulta. Em seu percurso, Ponciá foge das situações degradantes do espaço rural para buscar melhoria de vida na cidade. Se no campo ela vivia no estado de semiescravidão, na cidade não foi diferente, passando a ser doméstica. Com seu trabalho, junta “seu dinheirinho” com o sonho de comprar uma “casinha” para viver dignamente. No entanto, esse trajeto é muito dolorido e repleto de preconceito e opressão, como os afrodescendentes passam.

No romance, a autora aponta a discriminação dada à mulher negra pela cultura hegemônica na sociedade brasileira. Além disso, faz referência às questões de gênero e de raça através do olhar voltado para a escrita de autoria feminina afro-brasileira. Dessa forma, trata das questões de gênero não só pelo viés feminino, ao dar visão à Ponciá, à Bilisa e à Nêngua Kainda, mas pelo lado masculino, como mesmo observamos Luandi: “irmão da protagonista, *que é representado a partir [...] da sua bela e ingênua luta pela ascensão social através do desejo único de se tornar soldado [...]*” (MARQUES, 2011, p. 136).

Além das questões de gênero, a obra em questão trata das questões de raça, pois, conforme a lei 10.639/03, “*é preciso alterar positivamente a realidade vivenciada pela população negra e trilhar rumo a uma sociedade democrática, justa e igualitária, revertendo os perversos efeitos de séculos de preconceito, discriminação e racismo*” (BRASIL, 2004, p. 8). Nesse sentido, a obra de Conceição Evaristo dialoga com princípios dessa lei, valorizando, reconhecendo e reconstruindo a história e a cultura dos afrodescendentes.

Com base nesses posicionamentos colocados, o leitor cultural é convidado a observar o “como” o social está sendo representado em *Ponciá Vicêncio*. Essa análise parte da representação dada aos personagens: Ponciá Vicêncio, Bilisa, Luandi, Soldado Nestor e etc. Assim, uma vez que nesses personagens há a representação das questões de gênero e de raça, o leitor cultural pode optar por cada um deles. Para tanto, o leitor cultural se preocupa em observar o caminho social trilhado pela protagonista a fim de identificar as marcas de engajamento dessa obra na luta contra o preconceito racial.

No entanto, antes de entrar na observação da personagem principal, o leitor cultural pode apontar algumas questões que envolvem outros personagens. Para isso, esse leitor toma como referencial a lei 10.639/03, que coloca novos mecanismos a fim de que os afrodescendentes tenham acesso à educação e, em especial, à sua cultura. Tal barreira pode ser vista a partir do pai de Ponciá:

um dia o coronelzinho, que já sabia ler, ficou curioso para ver se negro aprendia os sinais, as letras de branco e começou a ensinar o pai de Ponciá. [...] em pouco tempo reconhecia todas. *No entanto*, quando sinhô-moço se certificou de que o negro aprendia, parou a brincadeira (EVARISTO, 2003, p. 15).

Vendo esta passagem, o leitor cultural entende que o branco tenta impor limites ao negro porque este também tem a capacidade de aprender. Em contrapartida, “esse discurso [...] vai desvelando um outro ângulo dentro de um processo discriminatório gerado pelo discurso das autoridades constituídas e da sociedade dominante, que é manter os negros [...] sem escolas, sem se falar de outras necessidades imprescindíveis, como segurança, lazer” (LIMA, 2011, p. 289).

Bilisa é outra personagem que Evaristo (2003) representa a fim de questionar à colocação “*da* personagem feminina oriunda da diáspora africana no Brasil *que* tem lugar garantido, em especial, no que toca à representação estereotipada” (DUARTE, 2010, p. 24). Essa personagem secundária é uma “prostituta que não cobra pagamento dos homens que a satisfazem ou com quem mantém no sexo alguma relação de afeto” (MARQUES, 2011, p. 136).

Sobretudo, Bilisa trabalhava como doméstica e passou a ser prostituta pelo ato de discriminação da patroa: a sua caixinha de dinheiro sumiu e ela suspeitou do filho da patroa, já que “ele era o único que entrava *no quarto*, às vezes, quando ia dormir com ela” (EVARISTO, 2003, p. 100). Através disso, o leitor cultural observa mais um ato de opressão ao afrodescendente, tendo em vista que a personagem em questão só tinha o corpo como algo de sua competência. Para tanto, esse leitor compreende que Bilisa “reflete o estereótipo da mulher sensual à mulher negra ou mulata” (LIMA, 2011, p. 286).

Não distante do caminho prescrito pelo leitor cultural no intuito de identificar às questões raciais em *Ponciá Vicêncio*, vale a pena destacar sua voz de oposição às representações da mulher-objeto. Segundo Duarte, a mulher afrodescendente, desde o início da literatura brasileira, é representada de maneira estereotipada. Essa mulher, caracterizada como mulata, tem como marco de valor o seu corpo, *ligado*, sobretudo, “ao desregramento e à promiscuidade” (2010, p. 25). Além disso, o teórico argumenta que, com o período colonial, o sensualismo se fixou na mulher, colocando-a, assim, como fora do padrão da perspectiva da “conjugalidade monogâmica judaico-cristã” (DUARTE, 2010, p. 26).

Nesse sentido, um dos pontos mais importantes que o leitor cultural deve destacar é a busca pela identidade de Ponciá. Essa perspectiva passa por diferentes desafios de raça e gênero na luta dela por uma vida melhor. Para tanto, “a crise identitária da *personagem* é habilmente estabelecida a partir de seu próprio nome, o que nos leva a concluir que Ponciá [...] não chega a constituir um signo: tem significante, mas não tem significado; em outras palavras, é um ser em busca da identidade própria em todo o decorrer da narrativa” (MARQUES, 2011, p. 136).

Sua busca é contínua: “[Ponciá] ficava a copiar o nome e a repeti-lo, na tentativa de se achar, de encontrar o seu eco” (EVARISTO, 2003, p. 27). Portanto, Ponciá é um indivíduo composto de várias identidades (ou nenhuma), pois as suas mudanças ocorrem de acordo com os meios culturais que ela assume. Tal circunstância condiz com a noção de “sujeito pós-moderno, de Stuart Hall, dado o deslocamento “campo – cidade – campo – cidade”” (MARQUES, 2011, p. 141).

Além da representação da noção de “identidade”, o leitor cultural não pode deixar de lado as questões de raça, pois há “um certo modo negro de ver o mundo [...] *em que partilha* de uma determinada situação histórica *e/ou* situação de ex-escravos” (BERND, 1987, p. 16). Essa ideia está presente em diversas passagens dessa obra que questiona o passado histórico: “nos tempos de roça de Ponciá, nos tempos de pau-a-pique, de chão de barro batido, de bonecas espigas de milho, ou arco-íris feito de cobra bebendo água no rio, a menina gostava de ser mulher, era feliz” (EVARISTO, 2003, p. 24).

Para tanto, cabe retomar a proposta da lei 10.639/03, que tem como objetivo “*alterar positivamente a realidade vivenciada pela população negra*” (BRASIL, 2004, p. 8). Essa realidade é marcada de posições diretas e indiretas de preconceito, racismo e discriminação; sendo esses os fatores que envolvem as questões de raça. Assim, Conceição Evaristo transporta essa problemática para sua obra ao dar voz a Ponciá e mostrar que “a vida escrava continuava até os dias de hoje” (2003, p. 84).

A escritora chama atenção para a escravidão vivida pela personagem, como comprova o seguinte trecho: “sim, ela [Ponciá] era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida” (EVARISTO, 2003, p. 84). Com efeito, o leitor cultural compreende que ainda o negro, mesmo depois da Abolição, sofre com os fatores citados no parágrafo anterior. Por isso, há o mito de que “os negros não atingem os mesmos patamares que os não negros [...] por falta de competência ou interesse [...]” (BRASIL, 2004, p. 12).

Dentro desse debate, a obra de Evaristo traz um olhar generoso para a história da mulher negra pobre ao abrir a possibilidade para sua independência econômica. Nessa direção, sua obra traz uma abordagem que “aponta justamente para a inclusão das mulheres que [...] *estão* vencendo as barreiras impostas “às pessoas de cor” e ainda aquelas derivadas do pertencimento ao “sexo frágil”” (DUARTE, 2005, p. 129). Portanto, esse romance registra um novo momento para a mulher afrodescendente: voz em meio as suas angústias.

A partir dessas questões, o leitor cultural pode identificar a trajetória dessa protagonista como uma forma de resistência da mulher negra em uma sociedade preconceituosa e machista. Na infância, Ponciá sofre com o fato de carregar a semelhança – herança – do vô Vicêncio, pois ela “andava com um dos braços escondido às costas e tinha a mãozinha fechada como se fosse cotó” (EVARISTO, 2003, p. 13). Essa referência à herança dos seus antepassados pode ser vista como uma crítica à falta de autoestima que a sociedade brasileira pregou para os afrodescendentes.

Consoante aos seus próprios desafios, Ponciá busca ultrapassar as barreiras, haja vista que o primeiro passo dado foi aprender a ler; isso porque “o saber que se precisa na roça difere em tudo do da cidade” (EVARISTO, 2010, p. 25). Na verdade, a personagem “aprendeu o abecedário, conhecia as letras em qualquer lugar, *mas no momento em que* começou a formar as sílabas e quando já estava formando as palavras, a missão acabou” (EVARISTO, 2010, p. 25). Aqui fica evidente a amostra do diálogo com os princípios da lei 10.639/03 por tentar proporcionar o acesso do negro à educação e à sua cultura.

Não obstante, a protagonista “*teceu* uma rede de sonhos” (EVARISTO, 2003, p. 23) e acreditou que indo para a cidade sua vida melhoraria, pois “Ponciá não conseguia explicar que sua urgência nascia do medo de não conseguir partir. Do medo de recuar, do desespero por não querer ficar ali repetindo a história dos seus.” (EVARISTO, 2003, p. 38).

A cidade exige que o indivíduo tenha trabalho para que possa sobreviver. Por isso, ao chegar à cidade,

“Ponciá *indagou* às senhoras que saíam da igreja, se não estavam precisando de alguém para trabalhar.” (EVARISTO, 2003, p. 41). Então, qual o trabalho que cabe a uma mulher negra, pobre e da zona rural? A cultura hegemônica naturalizou que o trabalho mais adequado é o de doméstica.

Nesse sentido, ao se deparar com a sua situação, a protagonista conclui que “os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida. Alguns fugiam da roça, fugiam para a cidade, com a vida a se faltar de miséria e com o coração a sobrar esperanças.” (EVARISTO, 2002, p. 82). A partir desse trecho, identificamos que os negros passam por discriminação e exclusão no espaço social. De tal forma, o romance traz a reflexão de que, tanto na cidade como no campo, o negro está fadado à miséria, pois ao notar a situação miserável na cidade, Ponciá passa a ser introspectiva e, assim, expõe como vive a mulher negra.

Tal estigma e preconceito são questionados pelo olhar crítico dessa obra que traz a identidade de gênero atrelada à histórica opressão dos negros. Em uma dessas abordagens, a protagonista conversa com uma senhora e esta a “olhou de cima a baixo” (EVARISTO, 2003, p. 42). Com essa passagem, o leitor cultural pode observar que a cultura dominante tenta aprisionar a mulher negra a uma posição social inferior às demais mulheres – brancas –, estando estas sujeitas às melhores posições. Assim, o leitor cultural evidencia o preconceito vivido pela protagonista no momento em que chega à cidade em busca de trabalho.

A retomar esse tema, Conceição Evaristo aborda como a submissão da mulher negra é uma identidade imposta pelas normas patriarcais, já que desde a colonização a mulher negra não podia casar e muito menos ter filhos. Essa problemática mostra que a mulher estava submissa ao sistema e ao controle do senhor da casa grande. No entanto, esse olhar crítico faz parte da obra que questiona o passado ao propor a independência da mulher negra. Isso acontece, por exemplo, quando a mãe de Ponciá – Maria Vicêncio – desarticula o fator submissão já que “era ela quem determinava o que homem faria em casa naqueles dias. O que deveria fazer quando regressasse lá para a terra dos brancos. O que deveria dizer para eles. O que deveria fazer trazer da próxima vez que voltasse para casa.” (EVARISTO, 2003, p. 24).

Esse romance rompe com as tradicionais representações da mulher negra, pois fala de um lugar crítico, opondo-se a ideia de que a mulher “branca é para casar, preta é para trabalhar e a mulata é para fornicar” (DUARTE, 2010, p. 24). Na linha contrária desses estereótipos, a protagonista se casa com um “homem que trabalhava na construção civil” (EVARISTO, 2003, p. 65) e com ele teve sete filhos, dos quais todos que nasceram em seguida morreram. Por esse motivo, a personagem-título se perguntava se “valeria a pena pôr um filho no mundo [...]” (EVARISTO, 2003, p. 82). Dessa forma, esse romance desloca diferentes lugares da mulher negra na literatura brasileira. Ele rompe com o lugar comum da mulher submissa e de objeto sexual ao rejeitar as representações da mulher exótica e infértil. Portanto, essa obra é inovadora e faz parte de uma nova literatura que traz “uma nova mulher [...] vem surgindo aos poucos nos escritos de autoria afrodescendente” (DUARTE, 2010, p. 36).

Ao propor uma revisão histórica, essa obra apresenta um compromisso social de questionamento do preconceito racial e de revisão do lugar da mulher negra na literatura. O leitor cultural atenua todas as noções aqui abordadas, não abdicando do prazer da leitura literária. Com isso, o leitor cultural deve debater as questões ideológicas que sustentam a narrativa, bem como observar o social na obra. Nesse sentido, a leitura compromissada com a representação afro-brasileira pode se tornar uma importante estratégia de formação de leitores críticos.

## Referências bibliográficas

BERND, Zilá. **Negritude e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Parecer CNE/CP003/2004. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicoraciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana**. Brasília-DF; Ministério da Educação; 2004.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura e Afro-descendência. In: **Literatura, política, identidade: ensaios**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005. p. 113-132.

\_\_\_\_\_. Mulheres Marcadas: literatura, gênero, etnicidade. In: DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; ALEXANDRE, Marcos Antônio (Orgs.). **Falas do outro – literatura, gênero, etnicidade**. Belo Horizonte: Nandyala; NEIA, 2010. p. 24-37.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 2ª ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

ECO, Umberto. O leitor-Modelo. In: **Lector in Fabula – La cooperazione interpretativa nei testi narrativi**. 2ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 2004. p. 35-49.

GOMES, Carlos Magno. **Leitura e Estudos Culturais**. Revista Abralic, p. 25-44, 2010.

\_\_\_\_\_. O Lugar do Leitor Cultural. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural**. Universidade do Estado da Bahia, Campus II – Alagoinhas. Pontos de Interrogação n. 1, p. 9-23, 2011.

\_\_\_\_\_. Leitura Cultural nas representações raciais na Literatura, Salvador: UFBA, 2011. Disponível em: <<http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/res>

Arjuna Fajrina  
Nov 2008  
Ma: off



# O TEATRO GREGO E A CONSTRUÇÃO DO FEMININO

Christina Ramalho (UFS)

Ésquilo, Sófocles, Eurípedes e Aristófanes, cada qual a seu modo, deram grande destaque a personagens femininas em suas obras dramáticas — trágicas e cômicas —, ora consagrando determinadas imagens míticas culturalmente presentes no mundo grego, ora tomando as mulheres em sua dimensão humana e social. Considerando as conhecidas injunções que negavam às mulheres, com raras exceções, uma cidadania, faz-se interessante observar que, ao menos no plano da criação literária, suas vozes ganhavam espaço e, consciente ou inconscientemente (por parte dos autores), acabavam trazendo à superfície desse mesmo mundo, já tão patriarcal, a condição humano-existencial e os pontos de vista das mulheres acerca de temas tais como, por exemplo, o amor, o ciúme, a família, a castidade, a vingança, a política e a religião.

Fontes históricas de diferentes autores e épocas revelam que as transformações por que passou a cultura grega envolvem, quando a questão gira em torno da inserção das mulheres no universo social, uma paulatina perda de liberdade e participação dessas tanto no chamado espaço cívico quanto no habitado. O primeiro, diretamente ligado a *polis* já era extremamente restrito em relação às mulheres ainda na chamada fase ou época heróica. No entanto, a observação das obras homéricas, por exemplo, é bastante reveladora nesse aspecto, pois mostra alguns privilégios que possuíam mulheres situadas em um patamar hierárquico mais elevado. Claudio Mello e Souza, no livro **Helena de Tróia**, discute a questão, assinalando que além de ser a beleza a virtude máxima de uma mulher, também a realeza podia lhe conferir um relativo acesso a discussões de ordem política.

Também Werner Jaeger, em **Paidéia**, citando os exemplos de Helena, Penélope, Euricléia e Arete, dá destaque à respeitabilidade que se costuma atribuir às mulheres gregas que integravam a aristocracia. Mesmo Helena, pivô de conflitos violentos, manteve-se quase intocada, protegida tanto por sua grande virtude, a beleza extrema, como por suas habilidades como anfitriã, artesã e contadora de histórias.

Considerando que, apesar de escreverem já do alto do período ático da cultura grega, Ésquilo, Sófocles, Eurípedes e Aristófanes contemplavam, em suas obras, passagens relacionadas ao período heróico, é de se supor que a forma de abordar os eventos sofresse a contaminação do pensamento ou da visão de mundo de cada um deles, dado o grande distanciamento entre os conteúdos enfocados e o lugar da fala. Somado a isso, o fato de a opressão às mulheres ter se ampliado com o encaminhamento do pensamento grego para o campo da política e da filosofia, um confronto entre informações de ordem histórica, mítica e cultural e os textos literários em questão permite observar variações em torno dos temas destacados e, mais ainda, diferentes concepções de imagens míticas femininas tradicionais, principalmente as de Atena, Afrodite, Hera, Ártemis, Medéia, Antígona, Electra, Ifigênia, Clitemnestra, Cassandra, Jocasta e as Erínias, filhas de Nix.

Há, ainda que se relevarem as diferenças entre esses autores, decorrentes não só de uma concepção estética própria como das visões particulares de mundo e dos comprometimentos específicos de cada um com a sociedade grega. Se, por exemplo, em Ésquilo, destacam-se o enfoque religioso e a presença mais atuante dos deuses e das deusas, em Sófocles, um quarto de século mais novo que o primeiro, já aparece um maior desprendimento da tradição simbólica e igualmente maior comprometimento com a consciência da criação, daí o requinte de seus enredos e sua visão mais racional dos percursos equivocados que levavam o ser humano ao desfecho trágico, ocorrido, principalmente, em função da grande diferença entre os desígnios divinos e os desejos humanos. Eurípedes, por sua vez, mais jovem que Sófocles, impregnou suas obras de uma visão crítica sobre a sociedade de sua própria época, dando relevância a aspectos humanos e aplicando, aos acontecimentos em questão, idéias provenientes de seu vínculo com o sofismo e de sua própria (e malfadada) experiência com a sociedade ateniense. Em suas obras, a participação dos deuses no universo humano torna-se alegórica, o que retrata o distanciamento dos gregos de seu tempo da visão mítica de mundo em prol da supremacia do *logos*. Já Aristófanes, contemporâneo de Eurípedes e crítico ferrenho do mesmo, transportará para suas comédias experiências humano-existenciais recheadas de passagens irônicas, eróticas e grotescas, por meio das quais se compõe um painel decadente da sociedade. Todavia, além das variantes que se recolhem das obras desses quatro autores, o que mais surpreende é a força simbólica que até hoje, mais de dois mil e quinhentos anos depois, continuam exercendo no imaginário cultural do Ocidente.

Começamos, pois, este breve e desprezioso passeio pelo universo da dramaturgia grega pela citação de alguns trechos de obras que um olhar mais desatento sequer perceberia estarem inscritos em um contexto histórico milenarmente distante de nós. A partir deles, sem entrar na questão das diferenças conceituais e estéticas entre os autores, contemplemos o modo como a fala concedida às mulheres permite delinear o quanto as mesmas, na visão



dos autores, pareciam conscientes do sistema social opressor ao qual estavam submetidas.

Clitemnestra, amplamente condenada (por todos os trágicos) pelo adultério e pelo espírito vingativo que a levou a tramar a morte do marido Agamêmnon, revela-se, na obra de Ésquilo, uma hipócrita, que fala usando a máscara da mulher obediente aos padrões comportamentais esperados. Ainda que hipócrita, recolhe-se de sua fala as expectativas da sociedade grega em relação à função das mulheres de se manterem submissas e fiéis aos maridos. Clitemnestra compara a mulher ao cão:

Não há para a mulher satisfação maior  
que a de mandar abrir as portas ao marido  
salvo da morte pelos deuses nas batalhas.  
“Retorne sem demora!” Nada mais desejo,  
pois a cidade é dele e o quer de volta já.  
Que venha ao lar e veja a companheira honesta  
como a deixou, zelosa, igual a cão fiel,  
maior amiga dele e inimiga máxima  
dos que lhe querem mal, a mesma esposa em tudo,  
durante tanto tempo guardiã atenta  
de quantos bens ficaram sob seu cuidado.  
Não conheci prazeres vindos de outros homens  
e nada sei de intrigas e maledicência  
(tais coisas para mim são totalmente estranhas).  
(Clitemnestra dirigindo-se ao arauto, em **Agamêmnon**, de Ésquilo, p.39)

Já Ismene, irmã de Antígona, revela, em peça de Sófocles, a situação de fragilidade e total dependência em que se encontravam mulheres cujos “destinos” fossem tocados pela perda do referente masculino. Sem o pai e sem os irmãos, Ismene e Antígona estariam fadadas a cumprir os desígnios do poder, sem qualquer possibilidade de enfrentamento:

Agora que restamos eu e tu, sozinhas,  
pensa na morte inda pior que nos aguarda  
se contra a lei desacatarmos a vontade  
do rei e sua força. E não nos esqueçamos  
de que somos mulheres e, por conseguinte,  
não poderemos enfrentar, só nós, os homens.  
Enfim, somos mandadas por mais poderosos  
e só nos resta obedecer a essas ordens  
e até a outras inda mais desoladoras.  
(Ismene, dirigindo-se à irmã Antígona, em **Antígona**, de Sófocles, p.203)

Também a bastarda Medéia, prestes a ser exilada do espaço urbano por decreto de um Creonte solidário a um Jasão agora interessado em arranjos nupciais mais convenientes à sua atuação na sociedade, compõe um retrato da condição da mulher, já imprimindo em sua fala o sentimento violento que se originava da opressão sofrida:

Veze sem numero a mulher é temerosa,  
covarde para a luta e fraca para as armas;

se, todavia, vê lesados os direitos  
do leito conjugal, ela se torna, então,  
de todas as criaturas a mais sanguinária!  
(Medéia, dirigindo-se a Creonte, em **Medéia**, de Eurípedes, p.29)

Já em Aristófanes, dada a natureza do texto cômico — que mais se aproximava das experiências do cotidiano da população grega e que, segundo Weber Jaeger, em **Padéia**, revelava, mais do que qualquer outro gênero, a realidade das práticas sociais — o painel que se traça ganha contornos realistas tais que mal parece estar mais de dois mil e quinhentos anos distanciado de nós:

Mas queridinha, elas virão. Você sabe como é difícil para a mulher sair de casa. Uma deve ter estado muito ocupada com o marido; a outra teve de acordar a empregada; outra deve ter tido de fazer as crianças dormirem; outra teve de lavá-las; outra deve ter tido trabalho com o mingau...

(Cleonice, dirigindo-se a Lisístrata, em **A greve de sexo**, de Aristófanes, p.13)

Retomando as mesmas peças, consegue-se, entretanto, mais do que simples constatações da submissão das mulheres ao poder masculino e às injunções sociais. Voluntária ou involuntariamente, Ésquilo, Sófocles, Eurípedes e Aristófanes concederam às mulheres espaço para expressarem seus desejos de reação e de transformação social, além de um conceito diverso de justiça e de moral. Clitemnestra, por exemplo, mostra-se inconformada com o diferente tratamento que ela e Agamêmnon recebem:

Agora condenam-me ao amargo exílio,  
ao ódio da cidade, à maldição do povo,  
mas contra este homem nada foi falado.  
No entanto ele, se escrúpulos, sem dó,  
indiferentemente, como se lidasse  
com algum irracional (e havia numerosos  
em seus velosos, cuidadíssimos rebanhos),  
sacrificou a sua própria filha – e minha -,  
a mais querida que saiu deste meu ventre,  
apenas para bajular os ventos trácios!  
Não era esse pai cruel quem merecia  
ter sido desterrado, expulso deste solo  
em retribuição ao crime inominável?

(Clitemnestra dirigindo-se ao coro, em **Agamêmnon**, de Ésquilo, p.79)

Medéia, igualmente revoltada com a própria situação, amplia essa insatisfação refletindo sobre a condição das mulheres no seio de uma cultura arraigada em uma visão de mundo distorcida, que privilegia os feitos bélicos masculinos sem considerar heróicos os enfrentamentos das mulheres em relação a realidades tais como a solidão, o aprisionamento e a “obrigação” de parir:

.../ Quando um marido  
se cansa da vida do lar, ele se afasta  
para esquecer o tédio de seu coração  
e busca amigos ou alguém de sua idade;

nós, todavia, é numa criatura só  
que temos de fixar os olhos. Inda dizem  
que a casa é nossa vida, livre de perigos,  
enquanto eles guerreiam. Tola afirmação!  
Melhor seria estar três vezes em combates,  
com escudo e tudo, que parir de uma só vez!  
(Medéia, dirigindo-se ao coro, em **Medéia**, de Eurípedes, p.28)

Também Antígona realiza sua transgressão, sobrepondo os valores religiosos às injunções sociais. A crença na necessidade de se cumprirem os rituais fúnebres dá-lhe forças para enfrentar o poder real de Creonte, uma vez que ela considera a punição dos homens preferível à punição dos deuses.

Mas Zeus não foi o arauto delas para mim,  
nem essas leis são as ditadas entre os homens  
pela Justiça, companheira de morada  
dos deuses infernais; e não me pareceu  
que tuas determinações tivessem força  
para impor aos mortais até a obrigação  
de transgredir normas divinas, não escritas,  
inevitáveis; não é de hoje, não é de ontem,  
é desde os tempos mais remotos que elas vigem,  
sem que ninguém possa dizer quando surgiram.  
E não seria por temer homem algum,  
nem o mais arrogante, que me arriscaria  
a ser punida pelos deuses por violá-las.  
(Antígona, dirigindo-se a Creonte, em **Antígona**, de Sófocles, p.219)

A fala de Lisístrata, em **A greve de sexo**, — e aqui relembro a natureza do texto cômico — permitirá uma incursão ainda mais ousada das mulheres na desconstrução do modelo patriarcal de sociedade. O poder sexual da mulher, elevado a um patamar extremo, faz-se o necessário instrumento para a realização do feito transgressor que, segundo a heroína, refletirá na própria pátria. Aristófanes compõe, assim, um painel utópico, no qual as mulheres regem uma sociedade pacifista:

Fique certa de que o destino do país está em nossas mãos. Se falharmos, a pátria estará perdida, será destruída por tantas lutas fratricidas. Mas se nós, as mulheres, nos unirmos, as mulheres de todos os rincões da Grécia, o país estará salvo.

(Lisístrata, dirigindo-se a Cleonice, em **A greve de sexo**, de Aristófanes, p.15)

Todas as citações acima têm a função meramente ilustrativa de provocar uma reflexão acerca da possibilidade de se extrair de obras milenares a força de depoimentos que justificam o reconhecimento de um ancestral “mal estar” reconhecível nas mulheres que estiveram presentes na origem das sociedades patriarcais.

Imaginando as condições de recepção dessas obras no seio da cultura ática, pode-se, sem muita necessidade de abstração, compreender, por exemplo, que Clitemnestra e Medéia constituíram exemplos contundentes do “descalabro” de mulheres movidas pelo sensível e orientadas pelo espaço habitado, ou seja, mulheres que se norteavam pelos sentimentos e pela relevância das questões familiares em detrimento dos valores coletivos, tal como propunha Platão, em sua **República**. Olga Rinne, em **Medéia. O direito à ira e ao ciúme** bem retrata o valor simbólico de

Medéia como aquela que, representando os últimos resquícios da tradição matriarcal (a imagem mítica de Medéia está vinculada ao universo da cura e da feitiçaria), será execrada pela sociedade não só pelo assassinato dos próprios filhos (versão mais corrente na cultura grega e ocidental, embora também existam outras em que é a comunidade coríntia e não Medéia que mata as crianças) e da carnificina cometida em Corinto, mas por não ter aceitado os argumentos racionais e indiferentes de Jasão quando este justifica a necessidade social de se casar com a filha de Creonte, uma vez que a família formada com Medéia estaria inexoravelmente marcada pela natureza bárbara da esposa e impediria a participação mais efetiva de Jasão e de seus filhos na *polis*. Clitemnestra, por outro lado, ganha uma adversária politicamente correta, sua filha Electra, uma vez que o que moveu a filha em direção ao assassinato da mãe foi o culto à imagem patriarcal e aos valores sociais e políticos que orientavam o mundo grego. Clitemnestra, nesse ângulo, é a vilã, a mulher destemperada, politicamente incorreta e, portanto, negativa para o equilíbrio das práticas sociais. Já Antígona pode ser recebida como heroína, porque suas ações não violentam o patricarcalismo e a *polis* propriamente ditas, mas apenas as injunções ditadas pelo mundo humano em detrimento dos valores apregoados pela religiosidade. Logo, a fidelidade ao pai e ao irmão, mais que apego sentimentalóide ao amor, é índice da retidão religiosa da moça que, por isso, poderia ser recebida como uma voz de reafirmação dos fundamentos religiosos que, aos poucos, foram suplantados pelos valores políticos e lógicos. Marta Robles, em **Mulheres, mitos e deusas**, reflete sobre o conflito criado pela obstinação de Antígona e de Creonte, cada qual movido por interesses de natureza diversa:

É a luta radical das forças ocultas da escuridão contra os poderes visíveis da claridade, e a prova de que, acima de qualquer tentativa de mudar rumo do destino por meio de uma força de vontade superior, irremediavelmente triunfará o poder dos deuses. (2006:132)

Antígona, portanto, não é a mulher que transgride o poder patriarcal da sociedade por uma motivação de ordem pessoal, mas aquela que se faz símbolo de um poder maior que começava a ser ignorado pelos homens. O destino trágico de Creonte e de sua família após o auto sacrifício de Antígona sela essa soberania dos deuses. Ainda, contudo, que as motivações de Antígona estivessem destituídas de caráter feminista, sua ousadia tornou-se igualmente simbólica do poder de resistência das mulheres quando motivadas por uma causa na qual severamente acreditam.

Resta imaginar quão risível terá sido a iniciativa das mulheres comandadas por Lisístrata de interferir na política grega, pregando maior espírito conciliador e fraterno entre os guerreiros que representavam cada uma das cidades gregas. O desfecho da peça, que minimiza a ideologia das mulheres ao recompor os pares (mulheres e maridos voltam “às boas” depois da greve) e ao revalorizar as práticas sexuais tradicionais, remete toda a situação para o plano do inusitado. Todavia, bem de acordo com a visão crítica de Aristófanes, fica o registro de uma ideologia pacifista como encaminhamento possível para os problemas políticos e sociais por que começava a passar a sociedade grega. Cabe ainda, contudo, uma observação importante: atenuando a credibilidade de suas personagens, Aristófanes compõe painéis que ridicularizam a visão de mundo das mulheres, ali estigmatizadas por sua futilidade e apego ao mundo material. Um exemplo disso está na passagem que contempla a presença de Lampito, uma espartana exuberante, no concílio das mulheres:

*Entram LAMPITO, de Esparta, e duas moças, uma da Beócia e outra de Corinto*

LISÍSTRATA

Aliás, Lampito está chegando! Muito bem, minha querida espartana! Salve! Você está linda, minha doçura! Que carnção bonita! Que corpo vigoroso! Você seria capaz de estrangular um touro!

LAMPITO

É mesmo. Eu faço ginástica e dou meus pulinhos para ficar musculosa!

LISÍSTRATA

*Apalpando o busto de LAMPITO.*

Como é bom ter um busto assim rijo!

LAMPITO

Você está me apalpando como se quisesse me cortar em pedaços para vender a carne!

(diálogo entre Lisístrata e Lampito, em **A greve do sexo**, de Aristófanes, p.17)

Essa paradoxal variação entre preocupações pacifistas e outras, de natureza erótica e materialista, relativiza a credibilidade das mulheres, compondo o grotesco de uma situação fantasiosa. Contudo, como negar que a imagem de Lisístrata, apalpando Lampito e valorizando suas formas musculosas e trabalhadas pela ginástica, encontra, ainda hoje, uma correspondência visível com algumas práticas estéticas extremamente presentes em alguns segmentos?

Obviamente, dado o amplo universo de personagens femininas contempladas pelos dramaturgos gregos, Clitemnestra, Ismene, Antígona, Medéia, Lisístrata e Lampito são apenas parcos exemplos de toda uma compleição ideológica que amarra essas mulheres ao universo patriarcal grego e, por conseqüência, a toda a história posterior do patriarcalismo no ocidente. Da situação extremamente infeliz da personagem Cassandra, vítima dos desmandos de Apolo, da sociedade troiana e, em seguida, de Agamêmnon; da igualmente delicada posição de Ifigênia como mártir frente às imposições dos valores políticos sobre os valores afetivos e familiares; da passividade e do acuamento de Jocasta diante da inexorabilidade do destino; da agonia de uma Fedra tomada por um sentimento socialmente condenável que a leva ao suicídio; da angústia de Hécuba e de Andrômaca ante o destino trágico de seus familiares; da abnegação de Alceste para salvar o marido Admeto; do sofrimento agudo das mulheres que representam criadas, sempre diretamente envolvidas com os percalços de suas “senhoras”; ou das ousadias cômicas das mulheres retratadas por Aristófanes, entre outros, poderiam ser recolhidos não só os traços da ideologia patriarcal que o mundo grego nos deixou como herança, mas também indícios expressivos de que a tal “serenidade”, ironicamente cantada por Chico Buarque em “Mulheres de Atenas”

Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas  
Temem por seus maridos, heróis e amantes de Atenas  
As jovens viúvas marcadas  
E as gestantes abandonadas  
Não fazem cenas  
Vestem-se de negro, se encolhem  
Se conformam e se recolhem  
Às suas novenas  
Serenas

pode ser considerada muito mais um modo culturalmente condicionado e consagrado de representar o pensamento e o comportamento das mulheres gregas do que propriamente uma atribuição ou característica do feminino. Se a História perpetuou essa imagem de serenidade e submissão, a Literatura nos oferece diversos signos que, lidos nas entrelinhas, a partir de um olhar feminista, podem revelar que também na origem do patriarcalismo estavam o espírito transgressor e o “mal estar” que, embora lentamente, moveriam as mulheres em direção à superação de sua situação de oprimida. Pena que, em meio a todo esse processo lento de desconstrução do patriarcalismo, injunções outras, como a ditadura estética do corpo “sarado”, tenham se infiltrado no imaginário coletivo, minimizando, muitas vezes, as próprias conquistas das mulheres no espaço social.

#### Referências

ANDRADE, Marta Mega de. **A vida comum** (Espaço, cotidiano e cidade na Atenas Clássica). Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

- EURÍPEDES. **Medéia, Hipólito, As troianas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- JAEGER, Werner. **Paidéia**. A formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- LESKY, Albin. **A tragédia grega**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- PLATÃO. **A república**. São Paulo: Sapienza, 2005.
- RINNE, Olga. **Medéia**. O direito à ira e ao ciúme. São Paulo: Cultrix, 1995.
- ROBLES, Martha. **Mulheres, mitos e deusas**. O feminino através dos tempos. São Paulo: Aleph, 2006.
- SOUZA, Cláudio Mello e. **Helena de Tróia**. O pape da mulher na Grécia de Homero. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 2001.
- VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. **Mito e tragédia na Grécia antiga**. São Paulo: Perspectiva, 2005.



AGUEDA  
FERRER  
OUT

## **PROFESSOR, SUA DOR TEM NOME:**

### **SÍNDROME DE BURNOUT**

**Mirtes Veiga**

**Psicóloga Clínica e Hospitalar**

**CRP: 05/35055**

Final de ano já é conhecido como um período estressante, hora de fazer um balanço do ano que se vai, avaliar a realização das metas planejadas *versus* atingidas, acúmulo de compromissos pessoais e profissionais, gastos além da conta, a obrigação de parecer satisfeito e feliz. Despedidas são permeadas por muitas emoções. Para os professores, soma-se a isso o encerramento do ano letivo, de uma ocupação que a cada ano se torna mais extenuante. Embora percebida culturalmente como uma vocação geradora apenas de satisfação pessoal e profissional, na prática, não é bem assim! A tal vocação é confrontada pelo esgotamento e perda de interesse pelo trabalho. A dor do professor que vê sua energia se esvaír no trabalho define a Síndrome de Burnout.

#### **PROFESSOR: ATRIBUIÇÕES ATUAIS**

De acordo com Carlotto e Câmara (2008), o professor está sujeito a inúmeros estressores psicossociais. As atribuições a ele impostas hoje vão além de seus interesses e de sua carga horária, ultrapassam os compromissos pertinentes ao exercício da docência, tais como: reciclar-se, corrigir avaliações, elaborar atividades, preparar aula, reuniões, lidar com alunos e com os pais e suas múltiplas demandas. Ocupam-se, atualmente também com a realização de trabalhos administrativos, organização de atividades extra-escolares, relatórios tecnoburocráticos, cuidados com o patrimônio escolar. No entanto, é excluído das decisões institucionais, das reestruturações curriculares e compreendido apenas como executor de propostas que muitas vezes não traduzem a necessidade vinculada à prática.

Essa sobrecarga de tarefas gera conflitos, crise na referência de como lecionar, e juntam-se as conseqüências danosas do referido ofício, ligadas a: problemas na voz, de postura, fadiga mental, diminuição no sistema imunológico por alimentação inadequada; resultando em doenças de diversas naturezas. Soma-se a isso baixos salários, e restrito tempo para cuidar da própria família e de si mesmo. *Booomm*: está pronta a receita do estresse.

#### **O ESTRESSE E O BURNOUT**



O termo estresse vem da física e significa o grau de deformidade que uma estrutura sofre quando é submetida a um esforço. Esse termo foi utilizado pela primeira vez por Hans Selye, o referido autor denominou em 1926 como estresse “*um conjunto de reações que um organismo desenvolve ao ser submetido a uma situação que exige um esforço para a ela se adaptar*” .

Aubert, *apud* Menzani e Ferraz (2005), faz referência à observação do estresse relacionado com o trabalho quando um indivíduo, de maneira perturbada, mobiliza sua energia de adaptação para enfrentar solicitações do meio profissional que ultrapassem suas capacidades psíquicas e ou físicas.

Várias denominações são encontradas na literatura para o estresse ocasionado pelo trabalho, como estresse laboral, estresse profissional, estresse ocupacional ou síndrome de esgotamento/exaustão profissional, aludindo à Síndrome Burnout, que é a cronificação do processo de estresse no ambiente de trabalho integrado por sentimento negativo (Belancieri,2005).

Para Benevides-Pereira (2002), a maior frequência da Síndrome de Burnout ocorre em profissionais das áreas assistenciais talvez pelo envolvimento afetivo necessário a tais atividades, e pela percepção da não concretização dos objetivos a serem alcançados, independente do empenho profissional. Conforme Carlotto e Câmara (2008), há pesquisas em vários países que indicam diferentes formas de abandono da profissão, “*tendo a Síndrome de Burnout como a principal causa de afastamento de professores em vários níveis de ensino*”.

A Síndrome de Burnout é vivenciada de forma subjetiva, gerando problemas psicofisiológicos com fins nocivos para o indivíduo e para a instituição na qual ele trabalha, pois se vê entre o que poderia fazer e o que efetivamente consegue fazer.

De acordo com Mello Filho (1986) tudo que ameaça a vida provoca respostas adaptativas, das quais participa o organismo como um todo. O avanço na área da pesquisa psicossomática orienta para que se reflita na influência psicológica na origem das doenças, uma vez que a doença incide num ser que é sempre mental. O estresse ocupacional está na origem de doenças como depressão, pânico, problemas cardiovasculares, e tantas outras.

A Síndrome de Burnout tem seu início nas atividades profissionais, mas afeta maleficamente várias áreas da vida do professor, pois as estratégias que utiliza para a resolução dos seus problemas profissionais acabam sendo reproduzidas, como um repertório de atitudes, em outros contextos de sua vida.

O *Burnout* é caracterizado por três componentes: exaustão emocional, despersonalização e diminuição da realização pessoal. A exaustão emocional é a primeira dimensão a surgir acometendo o professor de sentimento de fadiga causado geralmente pela sobrecarga de trabalho. A segunda, é a despersonalização

permeada por impessoalidade, como estratégia de defesa, gera o afastamento psicológico. Por fim, a diminuição da realização profissional caracterizada pela deterioração da autocompetência e atitudes negativas. Sendo assim, é uma síndrome multidimensional com um processo dinâmico e gradual; tornando o sujeito vulnerável a enfermidades, (Silva ,2000).

## **ENFRENTANDO O BURNOUT**

Enfrentamento ou *coping* é uma variável individual percebida pelas maneiras como os indivíduos costumam reagir ao estresse ao longo da vida, e são determinadas por tarefas pessoais, exigências situacionais e recursos disponíveis, mas sobretudo sob a influência dos traços de personalidade inerentes a cada ser humano. O enfrentamento é relativo a um processo pelo qual o sujeito administra as demandas internas e externas avaliadas como estressantes de sua relação com o meio; avalia para que o organismo responda com adequação ao evento estressor, solucionando-o ou amenizando-o. (Silva,2006).

Mascarar o estresse, ou os eventos que o desencadeiam, alimenta a doença. As perguntas básicas a se fazer são: o que o estressa, a maneira como reage a cada evento, e o que pode ser modificado. O estresse repercute na saúde, causando ainda prejuízos pessoais, sociais e econômicos. Torna-se fundamental reconhecer os fatores desencadeantes do estresse para que seja possível estabelecer estratégias para a prevenção e intervenção, é preciso conhecer as causas que levam os professores a adoecerem, não só combater as conseqüências..

Os recursos de enfrentamento estão divididos em físico, psíquicos e sociais. Os recursos físicos são representados por técnicas de relaxamento, alimentação adequada, exercício físico regular, repouso, lazer e diversão e sono apropriado.

Os recursos psíquicos compreendem os métodos psicoterapêuticos, os processos que favorecem o autoconhecimento, o desenvolvimento de novas estratégias de enfrentamento, estruturação do tempo livre (atividades prazerosas e ativas), entre outras. Em relação aos recursos sociais, a tarefa é mais complexa, uma vez que contempla mudanças na estrutura e funcionamento da sociedade, e uma revisão na organização do trabalho.

Para pensar em solucionar qualquer problema relacionado à saúde dos professores, o primeiro passo é ouvi-los em seus contextos específicos do ambiente de trabalho. O segundo passo é incluí-los nas discussões sobre reestruturação de ensino. Sendo úteis também o companheirismo e a cooperação no ambiente de trabalho.

Faz-se lembrar Paulo Freire (1987): “*Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão* ”.

Boas férias, bom descanso, queridos Mestres!

### **Sugestão para leitura:**

Cartilha - Burnout em Professores. Chafic Jbeili

Disponível em: [www.saudedoprofessor.com.br/burnout/Arquivos/cartilha.pdf](http://www.saudedoprofessor.com.br/burnout/Arquivos/cartilha.pdf)

### **Filmes sugeridos voltados para o professor, o aluno e para a educação escolar:**

A corrente do bem; Coach Carter - treino para a vida; Conrack; Encontrando Forrester; Gênio indomável; Machuca; Meu nome é Radio; Mr. Holland - adorável professor; Música do coração; O céu de outubro; O sorriso de monalisa; Pro dia nascer feliz; Ser e ter; Vermelho como o céu; Mãos talentosas; Escritores da liberdade; O grande desafio.

### **Vídeos sugeridos sobre Síndrome de Burnout em professores:**

Conheça a Síndrome do Burnout, seus sintomas e como tratá-la. Ana Maria Teresa Benevides-Pereira

[http://www.youtube.com/watch?v=\\_PJ9twoYa9Q](http://www.youtube.com/watch?v=_PJ9twoYa9Q)

Burnout - Entrevista Canal Futura/ Gisele levy <http://www.youtube.com/watch?v=7Im2efAvKWE>

Síndrome de Burnout em professores. Chafic Jbeili [http://www.youtube.com/watch?v=THodmREGhT0&playnext=1&list=PL1712C2BEEA03BBF6&feature=results\\_main](http://www.youtube.com/watch?v=THodmREGhT0&playnext=1&list=PL1712C2BEEA03BBF6&feature=results_main)

### **Referências bibliográficas**

BELANCIERI, M.F. Enfermagem: estresse e repercussões psicossomáticas. Bauru, SP: Edusc, 2005.

BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. (Org.) **Burnout**: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

CARLOTTO, M.S. & CÂMARA, S.G.. Síndrome de Burnout e estratégias de enfrentamento em professores de escolas públicas e privadas. Revista Psicologia da Educação. v.26. São Paulo. 2008.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987. MELLO FILHO, J. Concepção Psicossomática: visão atual. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.

MENZANI, G.Y. & FERRAZ BIANCHI, E.R. Determinação dos estressores dos enfermeiros atuantes em unidade de internação. Revista Eletrônica de Enfermería Global. 7.1-8. 2005.

SILVA, F.P.P. Burnout um desafio à Saúde do Trabalhador. Revista de Psicologia Social e Institucional. 2(1) 1-29, 2000.

SILVA, M. E. P. Burnout: por que sofrem os professores? Estudos e Pesquisas em Psicologia. v.6 n.1 Rio de Janeiro jun. 2006.



# Ensaio

# John Donne: o metafísico dos poetas

Por Francisli Costa Galdino

Há poucos meses foi sediado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte o IV Colóquio Internacional da Metafísica que tinha como temática principal “Natureza e Metafísica”. Dentre outras temáticas, o referido colóquio abordava questões a respeito das relações entre arte e natureza, ética e metafísica, lógica, dentro outros. O interessante é que o termo metafísica parece ser cada vez mais comum em nosso cotidiano, e várias áreas da ciência (como física, filosofia, literatura,...) vem utilizando-o com certa frequência. Em se tratando de reflexão filosófica, credita-se o uso do termo pela primeira vez ao filósofo Aristóteles em um trabalho intitulado Metafísica (fruto de uma compilação de quatorze livros). Este abordava o ser quanto ser em questionamentos direcionados a questões sobre a existência das coisas, a nossa existência quanto seres humanos, a discussões acerca da forma e da matéria e, principalmente, indagações envolvendo Deus e sua existência. No que diz respeito à arte literária, o termo fora utilizado na Europa no século XVI por Drummond de Hawthornden (1585 – 1649) que, em uma carta, versava sobre a existência de tipos de poetas “que faziam o uso de ‘Ideias Metafísicas e Sutilezas Escolásticas” (CAMPOS, 1988, p. 124) para assim classificar como metafísicos os poetas que escreviam tipo tal de poesia. A poesia metafísica remete ao barroco Europeu do século XVI e possui como características principais o uso de imagens metaforizadas na expressão de sentimentos contraditórios e paradoxais. De uma forma não usual os poetas mostravam toda uma ideologia advinda da metafísica de Aristóteles, uma vez que aos poetas metafísicos era atribuída à função de “transcender o que é a matéria física”. Considerados como anti-poéticos pelos críticos literários da época por não seguirem o padrão romântico das poesias de até então (estamos falando da Europa do século XVII e toda sua efervescência pós-período das grandes navegações e reformas religiosas), os ditos poetas metafísicos ousaram na tentativa de escrever uma poesia que pudesse ultrapassar o que poderia ser dito, criando uma arte dentro da própria arte da poética. Conhecido como o metafísico dos poetas o inglês John Donne (1571 – 1630) é um dos mais renomados poetas metafísicos que se conheceu, tendo o seu trabalho revalidado pela crítica moderna em um trabalho escrito por T. S. Eliot titulado *The Metaphysical Poets* (Os poetas metafísicos) em seu trabalho *Selected Essays* (Ensaio Seletos). Seu legado é vasto abrangendo desde poemas de amor, poemas de morte, canções, epigramas, sonetos, sátiras, elegias, além de cartas, até publicações em estudos e sermões. Nascido em Londres em 1571, John Donne era filho de um casal inglês católico, tendo estudado boa parte da vida em escolas católicas e recebido boa educação. Acredita-se que pelo fato de terem falecido quatro de seus irmãos ao longo de sua infância e adolescência, Donne colocou sua fé em dúvida, acabando por se afastar, anos mais tarde, de sua religião. Aos vinte e cinco anos, ele conheceu uma linda moça chamada Anne Moore, filha de um aristocrata inglês, tendo de casar com elas às escondidas, ato que ocasionou a sua prisão juntamente com o padre e a testemunha do casamento. Tal ação rendeu-lhe frutos negativos, pois seu prestígio ainda como iniciante em advocacia foi rapidamente declinando, precisou ir morar na cidade de Pyrford, Surrey, Inglaterra, e depender financeiramente da ajuda de um primo de sua esposa. O casal teve onze filhos. Impulsionado pelas dívidas e pelas necessidades financeiras que enfrentou devido à sua grande

família, Donne teve de aceitar o pedido do rei Jaime I em ser padre anglicano, chegando, anos mais tarde, a capelão. Ele foi inclusive professor de teologia na mesma universidade que se formou. É na fase madura que podemos encontrar seus belíssimos sermões, muitos com grande crítica à sociedade Victoriana da época, denunciando assim injustiças sociais. Nos dias de hoje, inclusive para aqueles que acreditam terem pouco conhecimento sobre poesia, os poemas de Donne são um deleite para nossa imaginação, nos fazendo viajar nas metáforas de suas metáforas, no seu dito por outras formas, construindo assim novos dizeres ao mesmo falar sobre o amor de sempre, como em seus poemas de amor: “ninguém é uma ilha, dentro de si mesmo; todo homem é uma parte de um continente”, dizia John Donne, metaforizando com as palavras sobre relação social entre nós e os outros. Assim com no colóquio citado, fala sobre metafísica é muito mais do que falar, é tentar transcender um pouco sobre tudo o que existe em nosso mundo.

Francislí Costa Galdino é professora substituta do Departamento de Práticas Educacionais e Curriculares da UFRN e aluna especial do mestrado em literatura comparada no programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem pela mesma instituição.

Contato: francislig@gmail.com

# Portinari, labore limer: entre a técnica e o sentimento

José Rodrigues, graduando em Letras pela UFRJ

“Um famoso desconhecido” foi a descrição sobre Cândido Portinari (1903-1962) no título de uma reportagem jornalística que divulgava o fim de uma vida dedicada a pintura e a arte de maneira geral.

Bem sabemos da importância de seus quadros consagrados no cânone internacional. Portinari se expressa de maneira característica, percebemos sua dicção imagética na medida em que os traços e traçados de seu pincel riscam em cores a simplicidade complexa da condição do viver de personagens, que muitas vezes, são esquecidas pela “grande História”, no teatro da realidade objetiva. Assim, Portinari desenvolve um caleidoscópio das diferentes cores do povo brasileiro, expõe seu matiz estigmatizado, miserável, a caris Portinari. No entanto, mais do que focar a miséria ou particularidades de um povo, ao focar a condição de uma determinada classe social, Portinari traz à frente o humano, em sua possibilidade mais extrema, universalizando as particularidades do ínfimo, em latência, apesar de evidente, o qual um geo-gráfo produz uma cartografia do Brasil, apresentando-o em seu *modus vivendi* mais cru e pungente.

Dessarte, seja nas cenas de casamentos rurais, retirantes esguios, jangadeiros, meninos de passados eternos, o pintor de Brodowski, assim como um João Cabral de Melo Neto em “Morte e vida severina” ou um Graciliano Ramos em “Vidas secas”, Portinari, se vale de sua arte “engajada”, sem cair num planfetismo minimizante do objeto artístico, propondo uma expressão estética que se manifesta contundente em sua complexidade técnica e emotiva, ou seja, ao conciliar técnica e emoção se mostra completo no modo concretiza seu trabalho final.

Já dizia Roland Barthes que os escritores se comprazem em afirmar seu trabalho, seu labor na obra, - seu labore limer, como diria Horácio -, com Portinari, assim como em João Cabral, Graciliano e todo aquele que trabalha com esmero o fio da linguagem artística, alcança linhas de força da mais alta qualidade estética e das mais variadas formas.

Nesta semana, o Projeto Portinari, dirigido por seu filho João Cândido Portinari, juntamente com a semana de estudos do PPGCL-UFRJ (Programa de Pós Graduação em Ciência da Literatura da UFRJ) sediaram um evento de magna importância para qualquer um que valorize a sensibilidade artística. Pode-se com o evento, divulgar um pouco mais tanto do Projeto, quanto das obras do Portinari, bem como a preservação da memória desse grande artista de nosso país.

O simpósio recebeu o título de “Portinari: poesia em pintura”, com destaque para a presença do filho do Cândido Portinari, João Cândido e a comovente palestra do pintor Israel Pedrosa, além de Ângela Âncora da Luz, Edson Motta e Célia Linhares. Logo em seguida, às 13h, deu-se a abertura da exposição “O Brasil de Portinari” no auditório da Faculdade de Letras.

Esse evento, que aconteceu entre os dias 12 e 14 de novembro, também se mostrou importante, pelo fato de aproximar o público, ainda que acadêmico, da obra de Portinari. Assim como, familiarizou os planos futuros do Projeto Portinari, o projeto, projeto esse que mantém parcerias com diversos grupos, difundindo a obra do artista pelo Brasil e pelo mundo. Portanto, “o sonho não acabou” muito ainda se pode esperar sobre Cândido Portinari, dada a imensa extensão de sua obra. Quem quiser mais informações acesse o Site do Projeto e boa viagem: <http://www.portinari.org.br/>.





# A intransferível solidão

Márcio de Lima Dantas

*Era moreno e amargo*

Federico G. Lorca

De todas as telas que vi no Museu do Prado, a que mais me impressionou foi *O corpo do Cristo apoiado por um anjo*, do italiano Antonello da Mesina (1430-1479). Eu já gostava desse quadro, com sua luminosidade e forte brilho das cores. Tinha-o visto em livros de história da arte, contudo me ligara mais no conteúdo do que na forma, como é natural a quem aprecia uma obra de arte reproduzida em livros. Ao me deparar com a tela, numa sala vizinha às das muitas madonas de Rafael, fiquei impressionado com o *pathos* fortemente dramático contido nessa pequena obra. Esqueci um pouco questões que normalmente vêm aos intelectuais quando se sentem bouverados por uma obra de arte. Poderia, por exemplo, ter me perguntado assim: Onde, no meu íntimo, foi tombar essa imagem? Em que áreas não conhecidas dos meus sentimentos esta figura encontrou o seu espelho, levando-me não a uma epifania (pois que é temporária, como todas), mas a um estado doravante de melancolia impossível de esconder de mim mesmo?

O quadro me perturbara tanto que, mesmo cansado, após muitas horas no museu, não contive o impulso de retornar à sala para contemplá-lo mais uma vez durante algum tempo. Eu sei que não foi somente a este que voltei, também a *Las meninas*, de Velázquez.

Viajando, fiquei com a tela na cabeça. Tinha-a intacta: os tons de verde da paisagem, a expressão de cansaço, mais que de morto, do Cristo, a nitidez do céu azulado, o contraste entre Nosso Senhor morto e o anjo em pranto. Divisei uma leitura, para me aquietar, mesmo sabendo que não me convencia. Efetuar uma boa leitura, para quem gosta verdadeiramente de arte, é como uma espécie de dívida que contraímos com nós mesmos. Para quem escreve, consigo e com um eventual leitor.

A figura central, e que toma quase todo o espaço da tela, é um Cristo sentado, morto. O corpo lasso denota a morte de não muitas horas. Está apoiado nas costas por um anjo-menino que chora com o rosto coberto de lágrimas. Coisa esquisita, não ? um anjo que pranteia a morte de um deus...

Se essa é a primeira impressão que nos chega, muito bem, eu gostaria de esquecer-la. Para além de especularmos sobre a verossimilhança do tema do quadro, ou passarmos por questões religiosas, ou ainda enquadrarmos tudo em mais um discurso mitológico, tenho para mim que o que se encontra em jogo é a solidão e o abandono dos humanos personificados nesse Cristo com jeito de homem comum, cujo corpo traz as marcas dos embates entre o espírito e a carne, como o de toda e qualquer criatura: cavas no rosto, boca entreaberta, mãos sem o mínimo de virilidade, barriga com dobras. Enfim, a entrega indiferente de um corpo cansado de pugnas. O Cristo personificaria a solidão e o desamparo humano diante da morte.

A metáfora do abandono está sustentada em vários símbolos distribuídos no quadro com

seus dois planos facilmente perceptíveis. No fundo, a cidade de Mesina, terra do pintor, protegida por muros. Do lado esquerdo, pessoas caminham. O céu alto é de um azul luminescente. As árvores são verdes e viçosas, denotando vida. No primeiro plano, onde se encontra o Cristo e o anjo, as árvores sobre a colina são mortas ou desfolhadas: Crânios e ossos por todo canto. Ao lado da mão direita do personagem principal, uma caveira. O manto azulado que o anjo sustenta sobre as costas do Cristo sombreia.

Dois planos bem delimitados: vida e morte. E a vida não tem nenhum sentido metafórico de palavra ou transcendência, é a vida mesmo: as pessoas que caminham de um lugar para outro, a cidade com seu cotidiano, as árvores, o céu alto e claro. A imagem da « árvore verde da vida », como se encontra no Fausto, de Goethe.

Esse contraste entre os dois planos, organizado a partir de símbolos antípodas, reforça a metáfora do abandono aludida acima. Quero com isso significar o quanto a morte nos opõe à vida, quanto a morte nos devolve a nós mesmos, às nossas fragilidades, quanto é impiedosa ao nos apresentar de maneira categórica, qual inimigo de sangue, a nossa condição de solitários desde nossa infância, coisa que insistimos em driblar a vida inteira.

Ora, o estado de solidão, sobretudo quando está associado ao abandono, e, pior ainda, quando não é voluntário, acentua sua aura de tragicidade. Se quisermos, podemos falar de dois tipos de solidão. Há aquela solidão dimanada de preconceito ou má sorte na vida: é o caso de certas pessoas idosas internadas em abrigos, mesmo algumas solteironas, ou pessoas pertencentes a certos grupos sociais, que são discriminadas por comportamentos não condizentes com a conduta reinante na maioria.

O segundo tipo de solidão é aquele resultado de uma inadequação imanente, ou seja, de uma personalidade que rejeita a ética pragmática do mundo ou seja lá o que for (encontrará sempre uma boa desculpa para ficar só). Aqui, a solidão resulta de uma intransigência que, no fundo, não deseja ser mitigada. Espécie de doença incurável, mas, pelo menos, nesse caso quase sempre o sujeito tem consciência dos seus senões e acaba por entender que é o preço a pagar. Alto. Em todo caso, po(a)ssível de ser pago, pois que todos os humanos criam suas moedas internas para negociar consigo: com seu corpo e com sua alma.

Falávamos de abandono. Sim, uma coisa esquisita, um deus desamparado em sua solidão mais que humana. O pintor não retratou o Cristo com uma aura de deus-morto como se soubesse que logo mais ressuscitaria e ascenderia aos céus. Muito menos como os Cristos morenos encontrados nos ícones das igrejas ortodoxas, que, embora sejam quase sempre muito tristes e graves, o tônus hierático com sua semântica de sabedoria, autonomia e distanciamento suplanta a melancolia e o redime da condição de solitário. Encontrando-se num universo de perfeição e beatitude, falar de solidão não faz nenhum sentido. Deus não é um espírito perfeitíssimo, como dizia o catecismo de outrora?

Antonello de Mesina deu um tratamento novo ao tema do Cristo morto descido da cruz. Ao invés daquele deus crucificado, rodeado por parentes e amigos, demonstrando um grande apoio dos entes queridos no momento da morte, quer dizer, o Cristo não seria um « cão sem dono », solitário, no dramático momento da sua passagem. Ora, o que constatamos nessa representação é mais um homem derrotado, antípoda dos ditos *Cristos majestáticos* ou *Cristos triunfantes*, redentor e vingador, posto que ascendeu aos céus e permanecerá até o juízo final, com seu absoluto poder, para julgar mortos e vivos.

Há um signo que explicita de maneira bastante simples e eloqüente a clara humanização

do Cristo: os pêlos pubianos que o drapeado do tecido com seus ângulos retos, tão peculiar à pintura *flamande*, não consegue esconder. Mais ainda: reparem com atenção que há um *degradação* com relação aos símbolos evocadores da virilidade. Começando pelo fundo do lado direito da tela, encontramos uma torre, depois muitas árvores verdes, seguidas de troncos secos, finalmente, o sexo implicitamente flácido e as mãos sem nenhuma força. Todos são símbolos de natureza fálica, marchetados sutilmente na perspectiva conformadora da paisagem que *entoure* a figura principal.

Isso mesmo, o quadro expressa sem subterfúgios o drama humano da solidão ante a morte, seu pesar, sua ausência de solução, a impossibilidade de redenção, mesmo de um deus que se fizera humano. Eu penso que o pintor conseguiu retratar de maneira extremamente sutil a materialidade na qual todos acreditamos, ou seja, a finitude da alma e do corpo, o conseqüente desamparo no qual todos nos encontramos, como esse Cristo apoiado por uma criatura do mundo da fantasia: um anjo dos mais inferiores na hierarquia celeste, que nos declara e acusa ( ?) por meio do seu pranto, em fartas lágrimas, a condição erma diante do findar-se.



AGUEDA  
FERRER  
OUT

## Poeta da Despedida e do Haggis - Robert Burns (1759/ 1796)

Por João da Mata Costa

“Esse valor do elemento exótico, tão claro no caso provinciano de Burns, é evidente em altos níveis”. FP, Ideias Estéticas.

Robert Burns é um dos maiores poetas em língua inglesa dos setecentos. Um poeta pré-romântico muito cultuado no seu país natal, a Escócia. Tomei conhecimento do poeta e vi como ele era querido quando da minha viagem a esse país maravilhoso e frio há 15 anos. Poeta nacional da Escócia sua obra é composta de poemas, canções e baladas. Na Escócia é possível comprar seus livros a um preço bem baixo. Em Edimburgo (Edinburgh pronuncia-se edimbráh) adquiri as obras completas do poeta num belo livro de capa dura ilustrado com oitenta belas ilustrações em preto. “The Complete Illustrated Poems, Songs & Ballads of Robert Burns. Chancellor Press first published in 1990”. Outro belo livro do autor é sua biografia ilustrada escrita pelo Ian Grimble – Robert Burns- Lomond Books.

No Brasil esse poeta ainda é pouco conhecido. Existe uma tradução de 50 poemas do poeta realizada por Luiza Lobo e publicada pela editora Relume Dumará.

Em um dos mais belos poemas de Álvaro de Campos /Fernando Pessoa; Passagem da Horas, o poeta – grande leitor de Robert Burns- escreve de quando lia Burns em dias tristes. Parte desse poema foi musicado por Francis Hime no belo disco “A Música em Pessoa”

“Mary, com quem eu lia Burns em dias tristes como sentir-se viver, ....

“Adeus, amor, eu vou partir, ouço ao longe um clarim...”.

Quem nunca ouviu esse verso? Ele é parte de uma das canções mais famosas do mundo e faz parte da trilha sonora do belo filme “A Ponte de Waterloo” de 1940 dirigido por Mervyn LeRoy e estrelado por Robert Taylor, C. Aubrey Smith, Maria Ouspenskaya e Vivien Leigh. Poucos sabem que essa canção é uma versão adaptada de um poema do poeta Robert Burns “Auld lang syne” (“Aos tempos passados”) e recebeu no Brasil uma versão muito popular dos compositores Alberto Ribeiro e João de Barros “o Braguinha”. Veja abaixo o texto original e a versão dos compositores brasileiros.

Essa bela canção também aparece no filme Guga Din de 1939 dirigido por George Stevens baseado em Rudyard Kipling e estrelado por Gary Grant, Douglas Fairbanks jr. e Victor Maclaglen. O filme narra as aventuras vividas por três soldados ingleses na luta contra os nativos hindus em Tantrapur. Eles são ajudados e salvos pelo jovem Gunga Din (Sam Jaffe). Filme inspirado em um poema de Rudyard Kipling foi refilmado em 1962 por John Sturges com o título “Os três Sargentos”.

## Auld Lang Syne

Robert Burns

Should auld acquaintance be forgot,  
And never brought to mind?  
Should auld acquaintance be forgot,  
And auld lang syne!

Chorus.

For auld lang syne, my dear,  
For auld lang syne.  
We'll tak a cup o' kindness yet,  
For auld lang syne.

And surely ye'll be your pint stowp!  
And surely I'll be mine!  
And we'll tak a cup o' kindness yet,  
For auld lang syne.  
For auld, ....

We twa hae run about the braes,  
And pou'd the gowans fine;  
But we've wander'd mony a weary fit,  
Sin' auld lang syne.  
For auld, ...

Valsa da Despedia

Old long Since.

Compositor: Robert Burns

Versão de Alberto Ribeiro e João de Barros "o Braguinha"

Adeus amor  
Eu vou partir  
Ouço ao longe um clarim  
Mas onde eu for irei sentir  
Os teus passos junto a mim

Estando em luta  
Estando a sós  
Ouvirei a tua voz.

A noite brilha em teu olhar  
A certeza me deu  
De que ninguém pode afastar  
O meu coração  
Do seu.

Então na terra  
Onde for  
Viverá o nosso amor.

A luz que brilha em teu olhar  
A certeza me deu  
De que ninguém pode afastar  
O meu coração  
Do teu.

No céu na terra  
Onde for  
Viverá o nosso amor.

### **Haggis**

O Haggis é o prato típico da Escócia. Uma espécie de pudim salgado feito com miúdos de ovelha. Muito gostoso e muito apreciado pelos escoceses. Robert Burns escreveu um belo

poema em homenagem a essa guloseima que caracteriza a nação escocesa.

### Address to A Haggis

Fair fa' your honest, sonsie face,  
Great chieftain o' the pudding-race!  
Aboon them a' yet tak your place,  
Painch, tripe, or thairm:  
Weel are ye wordy o'a grace  
As lang's my arm.

The groaning trencher there ye fill,  
Your hurdies like a distant hill,  
Your pin was help to mend a mill  
In time o'need,  
While thro' your pores the dews distil  
Like amber bead.

His knife see rustic Labour dight,  
An' cut you up wi' ready sleight,  
Trenching your gushing entrails bright,  
Like ony ditch;  
And then, O what a glorious sight,  
Warm-reekin', rich!

Then, horn for horn, they stretch an' strive:  
Deil tak the hindmost! on they drive,  
Till a' their weel-swallow'd kytes belyve  
Are bent like drums;  
Then auld Guidman, maist like to rive,  
Bethankit! hums.

Is there that owre his French ragout  
Or olio that wad staw a sow,  
Or fricassee wad make her spew



Wi' perfect sconner,  
Looks down wi' sneering, scornfu' view  
On sic a dinner?

Poor devil! see him owre his trash,  
As feckles as wither'd rash,  
His spindle shank, a guid whip-lash;  
His nieve a nit;  
Thro' bloody flood or field to dash,  
O how unfit!

But mark the Rustic, haggis-fed,  
The trembling earth resounds his tread.  
Clap in his walie nieve a blade,  
He'll mak it whissle;  
An' legs an' arms, an' hands will sned,  
Like taps o' trissle.

Ye Pow'rs, wha mak mankind your care,  
And dish them out their bill o' fare,  
Auld Scotland wants nae skinking ware  
That jaups in luggies;  
But, if ye wish her gratefu' prayer  
Gie her a haggis!

Saudação a um Haggis  
Versão de Luiza Lobo

Boa sorte a tua cara digna feliz,  
Grande capitão dos pudins!  
Acima de todos assume teu posto,  
Tripas, miúdos ou pança:  
Bem mereces uma tão longa prece  
Como meu braço

A gemente travessa já preenches,  
Teu travesseiro qual um morro distante.  
Teu pregador consertaria um moinho  
Se preciso fosse,  
E por teus poros destila um orvalho  
Qual gostas de âmbar

Vede o camponês a faca secar  
E com ágil rapidez te cortar!  
trinchanto as entranhas em jorros brilhantes,  
Como uma barragem;  
E ai, oh, que gloriosa visão e que  
Odor rico e penetrante!

Então, colher por colher, trincham e espetam:  
Me salva-se quem puder, e lá se atiram,  
Até que as bem recheadas panças ficam  
Roliças qual tambores;  
E o velho Anfitrião, a explodir,  
Uma prece recita.

Há quem diante do rgout francês,  
Ou do olio, que faria uma porca enjoar,  
Ou um fricasse que a faria vomitar,  
Com todo o seu desprezo,  
Que zombeteiro e desdenhoso desfaça  
De um tal jantar?

Pobre diabo! Vê-lo com seu refugo,  
Frágil como um mirrado junco,  
A perna fraca qual uma chicotada,  
Punho fino qual noz;  
Lançar-se na enchente ou campo sangrento-  
Como é incapaz!

Mas vede o camponês, alimentado de haggis,  
A terra trêmula estremece a seus pés,  
Ponde na sua mão forte uma navalha  
E ele a fará assoviar;  
E pernas, braços, cabeças cortará  
Como topos de cardo

Oh, pobres, que do homem vos ocupais,  
E distribuis seu quinhão de alimento,  
A velha Escócia não quer pratos pestilentos,  
Espirrando em travessas;  
Mas, se quiserdes seu agradecimento,  
Daí- lhe um bom haggis



# Contos



Signature and date: 1948

# A menina das flores

Christina Ramalho <sup>1</sup>

Para minha Isa,  
a mais linda menina das flores

Os olhos verdes da menina das flores eram redondos como a alegria de um domingo de sol. E, no entanto, eram seis datar de em ponto, e o céu já trazia as pétalas de muitas noites e eras.

As mãos da menina das flores eram macias como as memórias olfativas de um bolo de laranja de avó, recém-saído do forno, pronto a entrar no oceano vasto do que passa mas fica. E, no entanto, não era laranja, mas também verde, verde clarinho, o vestido longo e esvoaçante da menina das flores.

O cabelo da menina das flores era longo como a espera pela mãe que viajou a trabalho e ainda não voltou. E, todavia, estava preso o longo cabelo da menina das flores, num coque, também redondo e também macio, do qual se desprendiam cachos de cabelos travessos a brincar com suavíssimas guirlandas de florezinhas vermelhas e brancas.

Concentrada, a menina das flores esperava pelo sinal das notas musicais, que lhe ditariam os passos e o compasso com que deveria cumprir sua pequena missão de abrir caminho para o que se desejava ser o anúncio de um futuro feito de verde, vermelho, branco, maciez e longevidade.

Ao som solene e suave da “Ave Maria”, a menina das flores começou a caminhar pelo tapete vermelho. De suas mãozinhas macias, caía o também vermelho das pétalas de rosa, deixando, no ar, o perfume de uma emoção antiga e sempre renovada e, no chão, o sinal de que seguir em frente tem mais sentido quando o caminho se orienta pelas pequeninas doses de amor cotidiano.

Não durou 10 minutos o percurso da menina das flores, mas, para ela, com seu pequenino coração de menina das flores, nunca a noite parecera tão bonita e majestosa. A imagem de Santana lhe sorria, parecendo aprovar a harmonia entre seus passos, a música e o ritmo das pétalas se derramando pelo chão.

Ao chegar, a menina das flores lançou ao mundo um sorriso florido como as gotas de orvalho enfeitando os jardins numa manhã de sol. Entretanto, além do sorriso, duas lágrimas silenciosas correram por seu rosto, deixando ainda mais verdes seus olhos. Com as mãos macias, limpou os brevíssimos regatos que se desenharam em suas bochechas, e, já sem pétalas, cruzou os dedos, ajeitou a postura, e ficou ali, no altar, de pé, pronta para contemplar a noiva que começava a despontar na porta pesada e imponente da igreja.

Fim  
(maio de 2012)

1

---

<sup>1</sup> Professora de Literaturas de Língua portuguesa da UFS. Autora de diversos livros, entre eles Dois ensaios sobre poesia (crítica literária, 2007), Dança no espelho (contos, 2005), Laço e nó (poemas, 2000). E-mail: ramalhochris@hotmail.com. Site: www.ramalhochris.com (miXturas).



Amelia  
Ferreira  
Natal  
Nov. 2007

# A janela

Isadora Pelosi<sup>1</sup>

Ela tinha 79 anos e vivia sozinha numa quitinete no bairro mais movimentado de São Paulo. Morava ali desde que seu marido morrera, 10 anos atrás. Adorava seu apartamento pequeno e aconchegante, diferentemente de seu filho que sempre a chamava para morar com ele no interior, e ela sempre negava: “Deus me livre! Todo aquele mato!”

Gostava tanto de seu apartamento que quase nunca saía. Suas pernas já não eram as mesmas, mas mesmo assim ela não sentia isolada, porque em sua sala havia janelas enormes do chão ao teto, tendo uma vista de toda a rua. Às vezes abria a cortina, escancarava a janela e era como se estivesse lá fora, o barulho, o cheiro, as pessoas... Só fazia isso quando a solidão batia.

Possuía o ritual de, depois do habitual cochilo da tarde, ficar ali na janela até a novela começar. Observando a rua, pensava que a vida era muito mais rápida nestes dias... ou será que era ela que estava parando? Não sabia ao certo e deixou para lá.

Havia uma moça que passava ali sempre nesta hora e comia no restaurante da esquina. Ela era baixinha, nem magra nem gorda, devia ter uns 30 e poucos anos, tinha o cabelo amarelo-ovo alisado e sempre se vestia com umas roupas bem alegres. Não sabia o porquê, mas se identificava muito com a moça. Talvez porque ela parecesse simples e ordinária igual a ela ou talvez porque a moça nunca sorrisse. Todos pareciam tão felizes na rua, indo pelos seus caminhos, sorrindo e com pressa, menos a moça, que caminhava devagar e séria. Sim, as duas seriam muito parecidas, decidiu.

Sentada à janela, viu a moça virando a esquina e fazendo o seu caminho habitual, quando, de repente, a moça olha para cima em sua direção, sorri e acena. Não tinha certeza de que fosse com ela, mas a moça ficou ali parada até que ela acenasse de volta. Depois virou e entrou no restaurante.

Nunca tinha imaginado que estava sendo observada também. Parece não era só ela que olhava a rua, a rua a olhava também. Por alguma razão, isso a deixou muito feliz. Alguém me vê, pensou. Olhou para o relógio e viu que era a hora da novela. Tirou a cadeira de perto da janela e foi fechar a cortina. Parou e dirigiu-se ao sofá: hoje veria a novela de janela aberta.

---

1      Graduanda do curso de História da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: isadora-ramalho@ig.com.br





Agnela Ferraz  
Natal 2007  
08-2007

# A menina e o bicho que risca paredes

Rosângela Trajano

Os pais pintaram a casa toda de branco para receberem os familiares no dia de natal.

As paredes branquinhas deram uma ideia brilhante a Sofia!

Ela fez seu primeiro desenho no meio da sala, riscou um gato lindo!

Depois começou a fazer rabisco aqui e acolá.

Desenhou uma casa na parede da cozinha.

Perto da árvore de natal desenhou um gigante!

E saiu riscando as paredes da casa enquanto os pais aguavam as plantas no jardim.

Quando o papai e a mamãe entraram em casa tomaram um susto!

Sofia com os lápis nas mãos e toda pintada!

Lápis, giz de cera e tinta espalhados pelo chão.

As paredes estavam todas riscadas!

- E agora?

- O que vão dizer os meus pais?

- E os meus pais?

Os pais de Sofia tentaram ligar para vários pintores, mas eles não estavam trabalhando mais naquele horário. Era noite de natal, noite de estar com a família, disseram todos.

O pai coçou a cabeça com um ar de preocupação.

A mãe pegou um pano para limpar as paredes, foi pior, a tinta espalhou-se toda.

Enquanto isso Sofia com um lápis na boca só olhava a cara preocupada do pai e a raiva da mãe com o balde e o pano a esfregar as paredes.

Foi quando o telefone tocou e Sofia correu para atender.

- Alô? Papai Noel? Sim, foi, apareceu um bicho aqui em casa e riscou tudo, Papai Noel. Isso. Riscou todas as paredes. Um bicho. Não sei como ele era. Só sei que era um bicho grandão.

Um bicho que gosta de riscar paredes.

Sofia ficou nervosa com a preocupação dos pais. Faltava pouco tempo para os familiares chegarem. A casa estava uma bagunça.

De repente, a campainha tocou e logo entraram o vovô e a vovó, pais da mamãe.

Quando viram as paredes da casa toda pintada olharam admirados para Sofia e disseram:

- Puxa! Que paredes bem pintadas! Isso é uma verdadeira obra de arte!

- Foi o bicho, vovô!

- Oh! Esse bicho riscou tudo muito bem!

- Foi o bicho vovó!

- Huummm! Um bicho que sabe desenhar gatos!

De forma que toda a família achou que a casa estava linda com as paredes cheias de desenhos e rabiscos e foi assim que se sentaram à mesa para ceia de natal.

- Foi o bicho!



Handwritten signature and date: "James [unclear] 2007"

# Conto da vida moderna

João Paulo Santos Silva

Início do dia. Quando o Sol anuncia o mais do mesmo, Dr. Ricardo já estava acordado, isto é, nem tinha conseguido dormir, como de praxe. Seus óculos, Dr. Ricardo; acabei de limpar as lentes. O doutor deseja mais alguma coisa? Se precisar, é só chamar. Com licença. Ouviu-se o baque da porta sendo metodicamente fechada pela empregada. Ricardo Nogueira Galvão, rico investidor do ramo do minério e da metalurgia, havia se habituado cegamente à vida que lhe foi traçada por seu pai mesmo antes da sua concepção. Homem de negócios, era de poucas palavras: deve-se falar apenas quando houver necessidade, dizia. Era um homem para quem a vida significava ação rápida e precisa. Era extremamente meticuloso nas suas atitudes e no seu comportamento, fruto de uma educação esmagadoramente eficiente em eliminar os resquícios de humanidade em qualquer ser humano. Dedicou sua vida quase que exclusivamente à única coisa que sabe fazer: ganhar dinheiro. Para tanto, soube manipular o mercado e as pessoas à sua volta a seu bel-prazer. Todos os dias, de segunda a sábado, acordava às 05h45min h, tomava banho, lia jornal do dia, tomava o seu café da manhã numa mesa exclusiva de vidro holandês e à prova de balas, cumprimentava a esposa e os filhos e se deslocava no seu automóvel importado e blindado para a sua empresa: Bom dia! – cumprimentava-lhe todos os dias o motorista, um velhinho de 65 anos bem humorado. Chegava às 07h00min h no escritório. A rotina era exaustiva e estressante. Tabelas de investimentos, balanços, reuniões e mais reuniões, análises macroeconômicas, renda variável, ações ordinárias, negociações apertadas, dores de cabeça constantes e muito dinheiro, muito lucro envolvido. O retorno é garantido - assegurava.

Pausa para o almoço. Depois de tanta discussão, de tanta palestra, de tanto comércio de interesses era a hora de comer. As preocupações e as ocupações vinham sendo o seu alimento e estavam consumindo-o, assim como a sua fome e a sua vida, por completo. Contudo, por quanto tempo um homem em sã consciência sobrevive a uma rotina esfaceladora, esmagadora? Qual o valor da liberdade? Qual o preço que se paga por ser bem-sucedido na profissão? E no amor, na vida? E o mais importante: vale a pena? Tudo vale a pena, se a alma não é pequena... Estaria equivocada a ideologia do insigne poeta português? Parece que sim... Se até as cervejarias, com suas propagandas ludibriantes, aconselham beber com moderação, imagine...

Beber com moderação, eis o segredo de uma vida em equilíbrio e feliz.

Na sua sala, que ficava no último andar de um suntuoso prédio na Avenida Paulista, havia poucos móveis contrastando com o tamanho do cômodo. Nas paredes algumas obras de arte, mas o que lhe chamava mais a atenção e o intrigava era uma réplica perfeita do quadro A persistência da memória, de Salvador Dalí no qual havia um relógio se desmanchando. Aquela cena despertava não só o seu interesse, como também alguns sentimentos recolhidos e atrofiados que ele não sabia expressar: me dá vontade de ser outra pessoa que não um megaempresário; o tempo está passando... Era como se o tempo estivesse escorrendo na sua frente sem que pudesse fazer nada para impedi-lo. Só me resta aproveitar o tempo que me resta...

Final do dia. Enquanto os reles indivíduos começam uma disputa acirrada para conseguir uma vaga num ônibus superlotado, Dr. Ricardo Nogueira Galvão após contemplar o quadro surrealista entra no seu carro. Tem um motorista o esperando. Boa noite. O silêncio é a música ambiente do veículo confortável e espaçoso. Alguém já disse que o silêncio era a linguagem dos submissos. Dr. Ricardo estava submisso a uma vida de alto luxo e sem

felicidade, bem como a ausência de sentimentos banais e corriqueiros (não com muita frequência, claro) como alegria, satisfação, prazer comuns aos demais homens. Vivia com constantes enxaquecas e rodeado de sanguessugas aproveitadoras querendo o seu quinhão. O interessante do Sistema é que quem está fora quer entrar, são os excluídos; quem está dentro, e se desiludiu, está à beira da morte, ou já está morto, são os mortos-vivos do Capitalismo.

Quando Dr. Ricardo chegou a The Money Girls's, já havia uma meretriz a espera dele. Era madrugada na cidade que não dorme. O quarto de sempre? perguntaram. A de sempre. – retificou. Fique à vontade. Pode subir. Apesar de ser uma casa noturna elitista, era simples e inspirava no homem de negócios o aconchego e o alento que ele não encontrava em casa. Subiu as escadas. O quarto ficava no final do corredor. Bateu à porta. Estava aberta. Entrou e viu Andressa, que estava terminando de vestir a lingerie vermelha, a preferida de Dr. Ricardo. Nunca mais apareceu... Ando muito ocupado. Muitos problemas, muita dor de cabeça. Não estou aguentando mais essa vida. Preciso de você, a única pessoa que realmente me entende. Abraçou-a por trás, dando-lhe um beijo demorado e arrepiante no pescoço – amor se paga com amor. Também estava com saudades de você. É a única pessoa que me trata como ser humano... Por um instante, dois corpos viam um no outro a justificativa de suas existências e o verdadeiro propósito da vida. Sentiu-se feliz e, finalmente, completo; no entanto, a frustração logo lhe veio à mente e lhe subiu à cabeça, juntamente com a rotina, os negócios, o quadro de Dalí, substituindo progressiva e gradualmente a satisfação sentida outrora: ela não o amava. Não encontrou o que há muito procurava nela; afinal, dinheiro compra corpo, mas não compra amor – elemento indissociável da vida, assim como a morte. Logo, não hesitou: a sua silenciosa semiautomática silenciou duas vidas marginais e preencheu a cabeça de Dr. Ricardo de amor próprio.

E amanheceu um novo dia. A vida não se destrói: perpetua-se com a morte.

Revista Barbante  
ISSN 2238-1414  
Ano I - nº - 05 - 10 de dezembro de 2012.

Expediente

Editores  
Jean Sartief  
Rosângela Trajano

Revisão  
Dos autores

Conselho editorial  
Alzenir Araújo  
Christina Ramalho  
Elizabete de Medeiros  
Márcio de Lima Dantas  
Rosa Regis

Webmaster/Webdesigner  
Danda

As ilustrações desta edição foram gentilmente cedidas pela artista plástica Águeda Ferreira, as demais ilustrações foram enviadas pelos autores dos textos. As imagens de Jorge Amado e Luiz Gonzaga são da Internet.

A revista Barbante não tem fins lucrativos.



ABUENAGA  
K. R. R. R. R. R.  
2014

# Poesias



## HELESPONTO

Entre

o ocidente e o oriente:

o milagre e a tradição.

....Tempo Dynamis...

é

*Poesia de Rodrigo Lupus*

## RAZÃO ÁUREA

quantificar ao quadrante  
caminho elemental para  
o caminho da simplicidade

riqueza maior

a natureza do habitar sob fazer  
vemos o que queremos  
ver?

Ver  
alquimia  
1,618039887... ama.

*Poesia de Rodrigo Lupus*

## JUDITE E HOLOFERNES

Da opressão. Assíria  
guerra gritando aos umbrais de Judá.

Tácita Judite. Astuta  
encobre com joias o cilício e recobre  
com beleza a esperança e, de  
maquiagem em maquiagem, a vingança.

Da invasão. Auspicio  
pernicioso: cio de Holofernes à quedar.

Decapitado o exército,  
as histórias ressonam-se nas biblio-  
tecas, cânticos e orações; a de  
Judite clamou estros dedos e cripta mão.

*Poesia de Rodrigo Lupus*

## CHRORISTAS

Te observo em imagens roubadas  
pelo frio sabor do saber de coisas antigas.  
Ainda recordo em teu retrato  
o doce olhar das palavras mais belas -  
sempre ditas antes do tempo 1.

Aonde estamos agora?

Eu caminho pelo desconhecido,  
decodificando linguagens quase mortas;  
depuro em primaveras os mais abusivos  
casos de rebelião sobre aquilo que se inventa.

A casa de carne minha alma adorna febril,  
enquanto vivo essa busca enorme-mente,  
caminho sonâmbulo em meio aos adormecidos.  
Estamos sedados de tanto gritar;  
de tanto gritar o teu nome -  
perdi a voz quando o encontrei.

*Poesia de Rodrigo Lupus*

## A BELEZA DA VIGÉSIMA PRIMEIRA ESTRELA

As cinzas de meus restos  
retornam, e eu imenso e vazio.  
As vozes ecoam livres.  
Nada escuto.  
Vejo o mexer-se de úmidas bocas  
entre sorrisos e silêncio, com  
movimentos:  
bruscos e leves,  
distraídos e propositais.

No entanto, retorno ao silêncio,  
Busca por encontrar-me num  
estrondo abrupto,  
uma queda d'água,  
toda água!  
( )

No entanto, encontro apenas a distância.  
O silêncio me abandona breve em meio

aos gestos das pessoas.  
Suas fisionomias.  
(fala-cio) Teatralidades.  
Ao fim,  
ao menos resta  
uma gentil beleza  
que se mostra eterna  
enquanto docemente morre.



Vaqueiro  
De Marieta Lima

## **Pausa\***

A poeira da memória  
A aridez do presente  
O sol do porvir.

A encouraçada lida  
Tece a vida

(Sem fina filosofia)

Amalgamando:

Jornadas

Agruras

Pausas

E sonhos...

*David de Medeiros Leite*

\*Poema dedicado/inspirado no quadro “Vaqueiro” da artista Marieta Lima que neste ano de 2012 completou 100 anos de idade.



Luís Ferraia  
R.N.  
2007



I

caminho  
interrompido

abismo são  
reticências

precipício  
abaixo  
assinado

lama dentro  
de casa

\*Esse poema faz parte do livro Brenhas, de Tânia Lima.

## II

mangue dá voltas  
estira-se a lama  
o papelão

ritmo do rio  
lençol de plástico

mangue de cara preta  
dança maracatu

\*Esse poema faz parte do livro Brenhas, de Tânia Lima.

III

debaixo das marquises  
rio passa desarrumado

direção contrária

pontuação canhota  
entra sem ponto  
sai sem vírgula

canoa deixa o livro

\*Esse poema faz parte do livro Brenhas, de Tânia Lima.



Aquela Fênix  
Natal, RN  
14/07/09  
Sobrinha  
de  
...

## **Dos homens-peixe**

O corpo encolhido.

Um certo desespero

gesticulado.

Cruel, cruel.

O rio morre e todos nós pisamos na

terra

como inocentes;

levianos e alheios ao mundo e a dor

de quem nasceu com escamas frágeis.

*Jean Sartief*

## Entre Rios

Essa ardência  
escrita  
nas águas do cais.  
Potengi e Guaíba.  
Agora dou conta  
de pertencer a dois rios  
e a um único mar.

*Jean Sartief*



ÁVIEDA FERREIRA  
NA TAL REN  
28.2017

## **Dos olhos de cão**

Olhos de cão  
língua vípera  
vipérina  
polvos caudalosos  
em dedos de rizoma  
coração em bolhas de ar  
estouradas ao breu  
que fervulha sob as gotas  
de chuva no mar

olhos de cão  
num mundo de espelhos  
esbeltos  
reflexos estéreis  
irrefletidos  
sem consciência do nada  
a preencher o nada pensado

olhos de cão  
sob os olhos dos irascíveis  
olhos de cão  
sob os olhos dos perecíveis  
olhos de cão  
olhos no espelho  
olhos no escuro  
vagabundo  
olhos no fundo do nada  
olhos de cão  
aguardando o futuro  
que caminha pro nada

vou indo eu e você  
cada vez mais cães  
com os olhos sob os olhos do nada.

Natal, 19 /09 de 2012  
*por Shannya Lacerda*



## **Lição para coração órfão**

Tentei apanhar estrelas,  
pensei que elas caíssem ao chão  
e entrassem nos teus olhos – pura ilusão.  
No final do dia, tentei driblar a tempestade,  
mas sem muita convicção, deixe-me abater.  
Foi mais cruel do que pensei.

As estrelas voltaram a no céu brilhar  
e eu, eu me despedacei.  
Foi estreia de lua branca em sol de verão,  
mas, mais que isso:  
foi orfandade brincando em latifúndios...

Natal, 05 de março de 2012.  
*por Shannya Lacerda*

Orgia no telhado,  
estou eu a rasgar a fome do retrato;  
estou a despir a garganta;  
estou a arfar no epicentro de meu seio.

Orgia no telhado,  
lá vou eu me afogando e embebedando  
meus pensamentos, saboreando a vontade,  
iludindo as sandices da realidade.

Orgia no telhado...  
estou eu de mãos e dedos atados à lassidão,  
corrompendo meus astros, atacando minha pele,  
aflorando em demasia meus gemidos escondidos.  
[a tantos dedos]

Orgia no telhado?  
Hoje é você e eu...  
desnudando e queimando as pedras,  
os espaços!

Natal, 14/ 02 de 2011  
*por Shannya Lacerda*

## **Para os tempos de ócio: palavras**

Ah... se de toda a insônia e abstinência houver o mel ou o ranço da poética franzina que carcome os dedos da alma.

Ah... se de toda falta houver a música que invade encharcando o polido e o sisudo homem.

Ah... se de todo ócio houver o lacre que aprisiona e liberta as palavras.

Ah... se de todo recolhimento houver a explosão (o bum!) que nos liberta de nós mesmos...

.....

viveremos tempos melhores

viveremos tempos melhores

viveremos tempos melhores

.....

viveremos os tempos em que os homens voltarão a ser os animais que sonham a quimera de apenas deixar-se ser, sendo a palavra: a guia da humanidade ou o calabouço dos aflitos que gritam no mundo dos surdos.

.....

Ah... se toda a insônia me aprouver de sentidos.... viverei melhor e em tempos melhores.

Natal, 11 de fev. de 2012.

*por Shannya Lacerda*

Nossas escolhas doem muitas vezes, mas isso é  
liberdade para ser.

Rosângela Trajano



Eu não sei de nada, de nada, de nada!!!

Rosângela Trajano



**3221.4602**

Avenida Rio Branco, 335  
Ribeira | 59025-003 | Natal/RN  
[lucgraf@yahoo.com.br](mailto:lucgraf@yahoo.com.br)